

PARTE I – Formulário

Introdução ao Formulário do INDL

A produção de conhecimento sobre as línguas tem seu escopo definido a partir de algumas temáticas centrais para a metodologia do INDL. Essas temáticas estão sistematizadas num formulário específico, um dos produtos dos inventários, apresentado nesta seção.

O formulário fornece um roteiro básico dos temas de pesquisa, mas em nenhuma maneira totaliza os processos de inventários ou produtos dos inventários. Como um roteiro, o formulário também não esgota as questões possíveis de investigação para cada tema sugerido. Na verdade, os pesquisadores são encorajados a ir além, cobrindo as questões propostas de cada tema e inovando com outras questões e temas pertinentes à situação sociolinguística específica em que estejam trabalhando. Essas informações adicionais podem ser fornecidas no próprio formulário, em campos específicos de observações e detalhamentos, bem como no relatório de pesquisa que é um dos produtos do INDL.

O objetivo do formulário é sintetizar e organizar o trabalho de pesquisa e baseia-se em questões padronizadas, visando a construção de um banco de conhecimentos sobre a diversidade linguística no Brasil.

O formulário está organizado em 6 *módulos*, com um conjunto de temas para cada um deles, conforme ilustrado a seguir:

1. IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA

- Dados do proponente;
- Identificação da pesquisa;
- Escopo do inventário;
- Documentação de anuência;
- Avaliação sobre as informações fornecidas;
- Identificação da área de abrangência da pesquisa.

2. CARACTERIZAÇÃO TERRITORIAL

- Identificação das localidades onde a língua é falada;
- Caracterização do território da língua.

3. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE LINGUÍSTICA

- Identificação da comunidade linguística;
- População da comunidade linguística;
- Caracterização da comunidade linguística.

4. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA DE REFERÊNCIA

- Denominações;
- Modalidade da língua;
- Historicidade;
- Língua e variedades;
- Situação político-jurídica;
- Recursos documentais;
- Pessoas de referência;
- Instituições.

5. DIAGNÓSTICO SOCIOLINGUÍSTICO

- Falantes;
- Aquisição;

- Transmissão da língua de referência;
- Escrita e leitura;
- Situações de uso;
- Atitudes linguísticas na comunidade;
- Síntese.

6. AVALIAÇÃO DA VITALIDADE LINGUÍSTICA, REVITALIZAÇÃO E PROMOÇÃO

- Ações de revitalização e promoção;
- Vitalidade linguística.

O primeiro módulo, IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA, é de apresentação à pesquisa, incluindo dados sobre o proponente e metadados. Deve ser respondido uma única vez por cada pesquisa, mesmo que seja um inventário regional. Já os demais módulos deverão ser respondidos para cada língua a ser inventariada. Ou seja, se uma pesquisa tem como objetivo a produção de conhecimento sobre uma única língua, ela deverá responder uma única vez cada um dos módulos. Mas se a pesquisa tem como objetivo a produção de conhecimento sobre cinco línguas, ela irá responder o módulo PESQUISA uma única vez, e aos demais módulos, separadamente, para cada uma das cinco línguas.

Os Módulos de 2 a 6 reúnem um conjunto de temas destinados à produção de conhecimentos e cada tema contém uma gama de itens e questões. Todos os temas deverão ser objeto de pesquisa e mobilização social dos inventários. No entanto, nem todos os itens de um tema são necessários para os *INVENTÁRIOS BÁSICOS*. Outros itens são objetos específicos do *ACERVO DIGITAL* (cf. Seção 6.4, do volume I).

Para facilitar a visualização do escopo diferenciado entre inventários básicos e amplos, e entre as naturezas de cada item de acervo digital e de preenchimento automática, usamos um sistema de cores para cada tipo de item em particular, conforme ilustrado abaixo:

- Inventário básico
- Inventário amplo
- Acervo Digital

Com relação à natureza dos dados, aos procedimentos implícitos para a pesquisa sobre esses dados e ao tipo de resposta requerida, existem dois tipos de informação que são solicitados pelos itens do formulário. São eles:

IDENTIFICAÇÃO: informações objetivas com respostas sumárias e de caráter horizontal, cuja produção de conhecimento pode ser realizada por observações empíricas em levantamentos de campo, amostragens e/ou estimativas decorrentes de observações e conhecimentos prévios.

CARACTERIZAÇÃO: os itens de caracterização tendem a ser um desdobramento dos itens sumários de identificação. São informações com base em análises e sínteses de dados de diferentes naturezas, com respostas de caráter descritivo e ensaístico, cuja produção de conhecimento requer uma combinação de dados empíricos e objetivos com pesquisas em fontes secundárias, holísticas e qualitativas.

Módulo 1

Identificação da Pesquisa

Este é o espaço para identificação do proponente, do projeto e de parte dos metadados, ou seja, informações sobre o conteúdo disponibilizado no que diz respeito à sua natureza, fontes, abrangência e metodologia de levantamento. Este módulo não corresponde propriamente a um tema de pesquisa, mas nele estão contidas questões preliminares sobre o modo como a pesquisa foi organizada, além de um conjunto de informações preliminares para informar aos leitores sobre sua natureza.

1. Dados do proponente

Nos campos a seguir, preencha com os dados do responsável pelo inventário: nome da instituição e seu endereço, nome do(s) responsável/veis pela pesquisa, formas de contato (da instituição e do responsável, se possível), o tipo de instituição e as credenciais da equipe, ou seja, um conjunto de informações básicas sobre a experiência dos membros da equipe, sua experiência com a(s) língua(s) inventariada(s) com a(s) comunidade(s) linguística(s) em questão e outras pesquisas correlatas.

Nome da Instituição	Museu Paraense Emílio Goeldi
Nome do responsável pela instituição	Nilson Gabas Junior
Endereço da Instituição	Av. Magalhães Barata, 376 – São Braz – 66040-170 Belém/PA
Nome do responsável pela pesquisa	Wesley Nascimento dos Santos
Contatos (e-mail e telefone) do responsável pela pesquisa	[telefone anonimizado] [telefone anonimizado] (Whatssapp) e-mail: wesley.nascimento.go@gmail.com
Tipo de Instituição (Utilize a tabela de códigos a seguir para indicar o tipo de instituição)	[4]

Tabela de códigos - Tipos de Instituição	
[1] Associação/Representação de falantes	[6] Instituição Pública Municipal
[2] Terceiro Setor	[7] Ponto de cultura ou similar
[3] Instituição Privada	[8] Instituição Religiosa
[4] Instituição Pública Federal	[9] Fundação
[5] Instituição Pública Estadual/Distrital	[10] Outra (<i>especificar</i>)

Credenciais da equipe

O pesquisador Wesley Nascimentos dos Santos é aluno de mestrado em Linguística na UNICAMP, durante o período de execução do Levantamento. A realização do levantamento foi supervisionada por Denny Moore, linguista com larga experiência de trabalho com grupos indígenas em Rondônia e que membro do GT da Diversidade Linguística no IPHAN, representante do MPEG para o INDL.

2. Identificação da pesquisa

2.1 Nome de identificação da pesquisa

Identifique no campo abaixo a pesquisa. Sugere-se nomear o projeto a partir da identificação da língua, da comunidade linguística ou de uma região multilíngue. Por exemplo, “Inventário da língua juruna”, “Inventário da região do lavrado de Roraima”, etc.

Inventário da língua Kawahiba dos Karipuna
--

2.2 Objetivo da pesquisa

Nos campos abaixo, indique o objetivo da produção de conhecimento apresentada através deste formulário, assim como a(s) língua(s) correspondente(s) cuja inclusão no INDL é solicitada.

<input checked="" type="checkbox"/> Produção de conhecimento para inclusão no INDL	De qual/quais língua(s)? Kawahiba dos Karipuna
<input type="checkbox"/> Produção de conhecimento de língua já incluída no INDL	De qual/quais língua(s)?
<input type="checkbox"/> Outro. Explique:	Qual? Sobre qual/quais língua(s)?

2.3 Identificação e síntese da(s) língua(s)

Faça um breve texto descritivo, contendo uma síntese de informações e dados levantados durante a pesquisa sobre as línguas inventariadas, como, por exemplo, nome da língua, região de origem, localidades onde a língua é falada, número estimado de falantes, etc. Crie um novo campo para cada língua inventariada.

Nome da língua: Kawahiba dos Karipuna
Síntese: A pesquisa de campo com o povo Karipuna, que pertence ao grupo Kawahiba, família Tupi-Guarani, Tronco Tupi, levantou todos os dados que a guia do formulário do IPHAN solicita. Desse modo, todos os módulos foram atendidos, desde a identificação onde a língua é falada, suas denominações até o número de falantes e sua transmissão e aquisição pelas crianças.

3. Escopo do inventário

Selecione a opção quanto ao Escopo do Inventário. O inventário básico contém o mínimo necessário para a inclusão no INDL. O inventário amplo contempla produções de conhecimento mais abrangentes sobre uma ou mais línguas. Ambas as possibilidades de inventários possuem a mesma natureza de produtos (formulário, relatório e acervo digital).

<input type="checkbox"/> Inventário básico <input checked="" type="checkbox"/> Inventário amplo
--

4. Documentação de Anuência

4.1 Anuência à pesquisa

Anexe documentação comprobatória de anuência da comunidade linguística para a realização da pesquisa. Se o proponente for uma organização com representantes da própria comunidade, esse é o espaço para que isso seja informado. Se o proponente for organização de fora da comunidade, faz-se necessária a anexação de documentação

impresa ou audiovisual conforme normatização pertinente (consultara Seção 4.2, Volume I do Guia, para obter informações sobre anuências”. O Suplemento Metodológico traz exemplos de documentação de anuência.

ANUÊNCIA

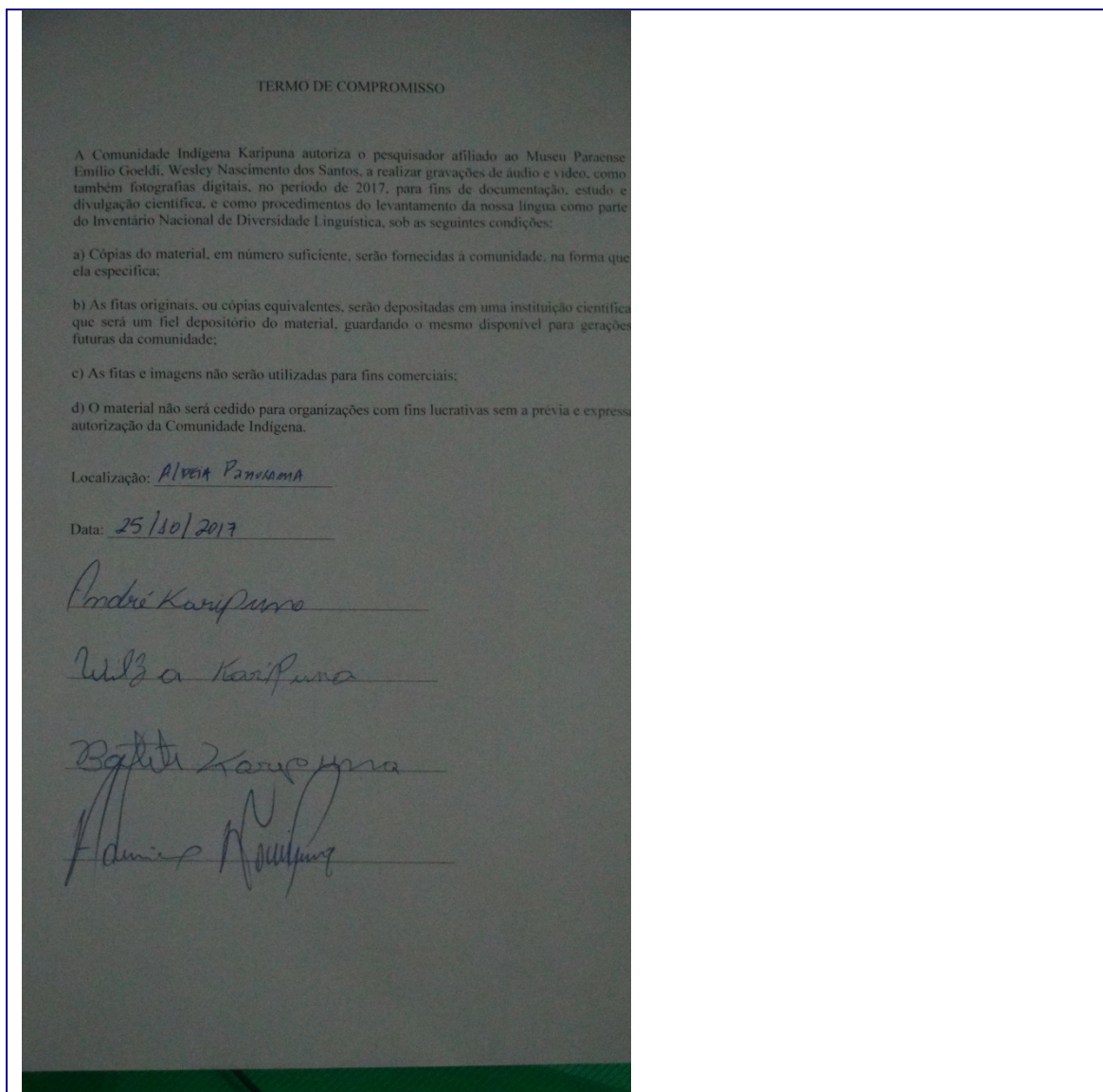
A comunidade linguística Karipuna vem, por meio deste, afirmar nossa anuência com o levantamento da nossa língua, como parte do Inventário Nacional de Diversidade Linguística. Temos interesse no fortalecimento da nossa língua e cultura verbal tradicional e estamos preparados para cooperar com o IPHAN para realizar as medidas desejáveis.

Nome: Batita Karipuna
Lugar: Aldeia Panoramã
Data: 25/10/2017

Nome: Wilza Karipuna
Lugar: ALDEIA PANORAMA
Data: 25/10/2017

Nome: Andri Karipuna
Lugar: ALDEIA PANORAMA
Data: 25/10/2017

Nome: Tomaz Karipuna
Lugar: PATO VELHO
Data: 02/11/2017



4.2 Pedido de reconhecimento

Anexe documentação (escrita ou audiovisual) em que a comunidade manifeste petição ou concordância para a inclusão da língua no INDL.

Ver Arquivo Intitulado *INDL-KUQ-Anuencias para Inclusão no INDL*

5. Avaliação sobre as informações fornecidas

Neste item, espera-se que os proponentes realizem uma autoavaliação das informações que inscreverem no formulário quanto à abrangência e à natureza dos dados, além de fornecer informações sobre fontes e escopo das pesquisas. Demais informações e aprofundamentos sobre metodologia e execução das pesquisas devem ser fornecidas no relatório de pesquisa – sugere-se que as equipes indiquem nos campos de observação do formulário em qual seção do seu relatório estão disponíveis tais dados (para mais informações sobre fontes, abrangência e técnicas de produção de dados, consultar o Volume I do Guia).

5.1 Fontes dos dados

As perguntas deste item dizem respeito às fontes de dados utilizadas pela pesquisa, isto é, se houve trabalho em campo para geração de dados originais e/ou atualização de dados secundários.

- Houve pesquisa de campo para a produção de dados originais?

Marque com um X a opção adequada.

<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
---	------------------------------

- Quais dados do formulário foram produzidos e/ou atualizados em campo?

Liste os itens do formulário para os quais houve produção de dados originais em campo. Ex.: Módulo Identificação e caracterização da língua de referência – 5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas; Módulo Diagnóstico sociolinguístico – 1. Falantes; 2. Aquisição; 3. Transmissão.

Todos os itens do formulário foram produzidos em campo, desde a identificação da língua ao número de falantes e vitalidade da língua.

- Com relação aos dados secundários, explique sumariamente:

Preencha com as informações requeridas.

Quais tipos de dados foram atualizados em campo?	Dada a quase inexistência de dados sobre a língua, houve produção de dados.
Para quais tipos de dados houve pouca ou nenhuma atualização?	Todos os dados requisitados pelo guia foram produzidos satisfatoriamente.

5.2 Fonte das informações do formulário

Os itens a seguir servem para identificar o modo como o levantamento da população da comunidade e do número de falantes foi realizado e como os tipos de falantes foram definidos em cada pesquisa.

- Como foi feito o levantamento da população da comunidade?

Selecione uma das opções. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

<input checked="" type="checkbox"/> levantamento populacional total <input type="checkbox"/> estimativa por amostragens <input type="checkbox"/> estimativa por dados secundários <input type="checkbox"/> outros
Observações:

- Como o número de falantes foi obtido?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

<input checked="" type="checkbox"/> levantamento populacional total <input type="checkbox"/> estimativa por amostragens <input type="checkbox"/> estimativa por dados secundários <input type="checkbox"/> outros
Observações:

- Como foram aferidos os tipos de falantes?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento realizado para aferir tipos de falantes no quadro de observações.

<input type="checkbox"/> testes de proficiência <input type="checkbox"/> autodeclaração <input type="checkbox"/> pesquisador falante <input checked="" type="checkbox"/> conhecimento geral de pessoa-chave <input type="checkbox"/> outros
Observações:

5.3 Aprofundamento das informações

Listar as principais áreas do formulário que necessitam de aprofundamento de informações, referenciando o item do formulário correspondente. Neste espaço, os proponentes são convidados a fazer uma autocrítica e informar quais campos do formulário necessitam de pesquisas mais detalhadas e aprofundadas.

Item	Especificar necessidade de aprofundamento

6. Identificação da área de abrangência da pesquisa

Neste item, é identificada a área de abrangência da pesquisa, contemplando sua denominação, sua delimitação geográfica e sua abrangência em relação aos países, estados, municípios e Terras Indígenas (quando for o caso) que a compõem (consultar Seções 4 e 5 do Volume I do GUIA para questões sobre territorialidade e delimitação geodemográfica da pesquisa).

6.1. Nome para identificação da área de abrangência da pesquisa

Exemplos: “Território da Língua Guarani Mbya”; “Comunidade Pomerana do Espírito Santo”, etc.

Povo Kawahiba Karipuna de Rondônia

6.2 A área de abrangência da pesquisa foi escolhida com base:

Assinale a alternativa adequada.

<input type="checkbox"/> num recorte limitado das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua) <input checked="" type="checkbox"/> na totalidade das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua) <input type="checkbox"/> numa região com várias línguas (inventário regional)

6.3 Delimitação da abrangência da pesquisa

Identifique e nomeie países, estados, municípios, Terras Indígenas e Territórios Quilombolas (quando for o caso) abrangidos pela pesquisa em questão.

	Quantos?	Quais?
Países	1	Brasil
Estados	1	Rondônia
Municípios	1	Porto Velho, Distrito de Jacy-Paraná

Terras Indígenas	1	Terra Indígena Karipuna
Territórios Quilombolas		

6.4 Identificação das localidades de pesquisa

No quadro a seguir, utilize linhas diferentes para cada localidade dentro da área de abrangência da pesquisa. Informe o nome da localidade em português, se houve visita *in loco* pela pesquisa (ou seja, se houve trabalho de campo naquela localidade), as coordenadas geográficas correspondentes para cada localidade, a localização geográfica e as línguas faladas na localidade junto com o número **estimado** de falantes por língua [inventários amplos]. Utilize quantas linhas forem necessárias para acrescentar mais línguas.

Nome da localidade	Visita <i>in loco</i> pela pesquisa?	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Línguas identificadas na localidade	Número de falantes por língua identificados pela pesquisa
Aldeia Panorama/ Terra Indígena Karipuna	<input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	9° 45' 16" S (Lat. (X)) 64° 19' 5" O (Long. (Y))	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Jacy-Paraná	<input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural	<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental <input checked="" type="checkbox"/> Terra Indígena <input type="checkbox"/> Território Quilombola <input type="checkbox"/> Localidade de litígio fundiário <input type="checkbox"/> Sem estatuto jurídico especial	Kawahiba dos Karipuna de Rondônia	10
						Kashinawá (Pano)	1
						Piripkura (Kawahiba)	1

➤ *Se houver interesse, preencha o formulário de cadastramento para as demais línguas que foram identificadas na área de abrangência de pesquisa, mas que não são objetos desse levantamento.*

6.5 Área(s) focal(is) da pesquisa

Se o inventário delimitou uma ou mais áreas focais de pesquisa, identifique-as no quadro abaixo (preencha um quadro para cada área focal delimitada pelo inventário).

Denominação da área focal	
Localidades circunscritas à área focal	
Motivações Por quais razões o inventário delimitou essa área focal? Que tipos de questões de	
Que tipos de pesquisa ela serviu para responder?	

6.6 Mapa(s)

Anexe / faça o upload de mapas que representem a área de abrangência da pesquisa

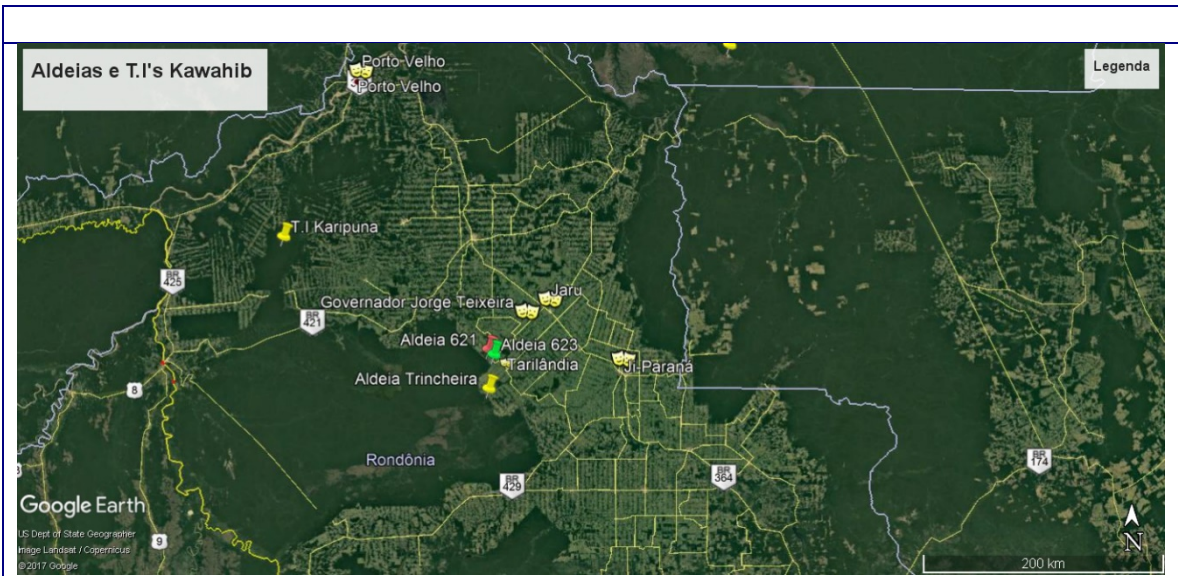


Figura 1

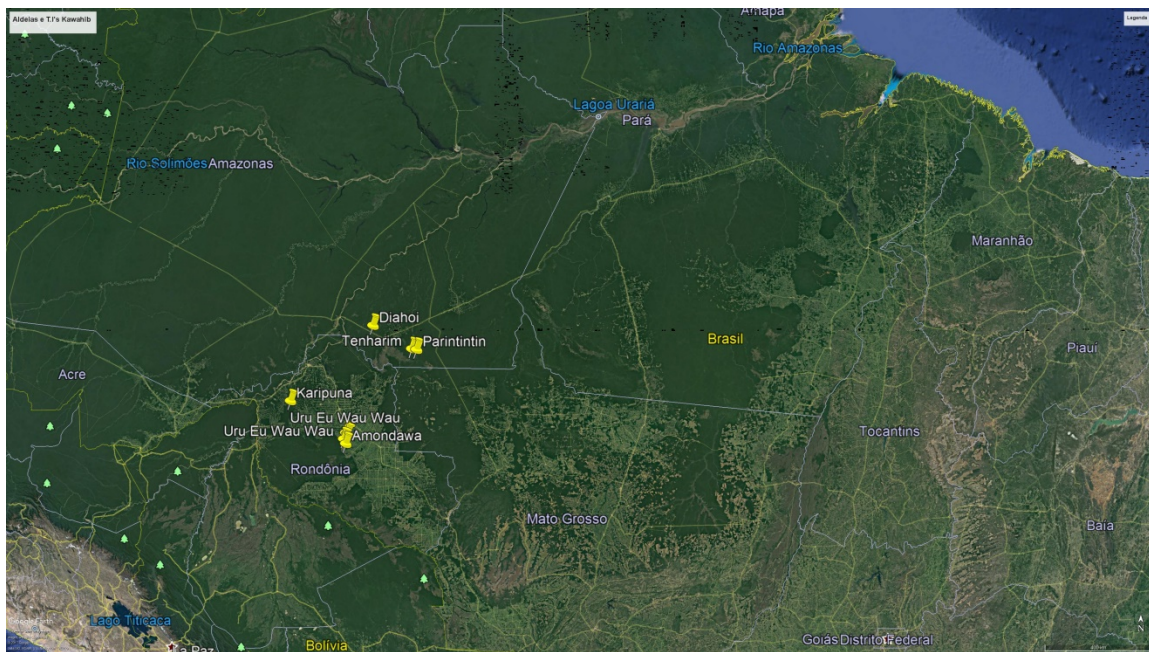


Figura 2

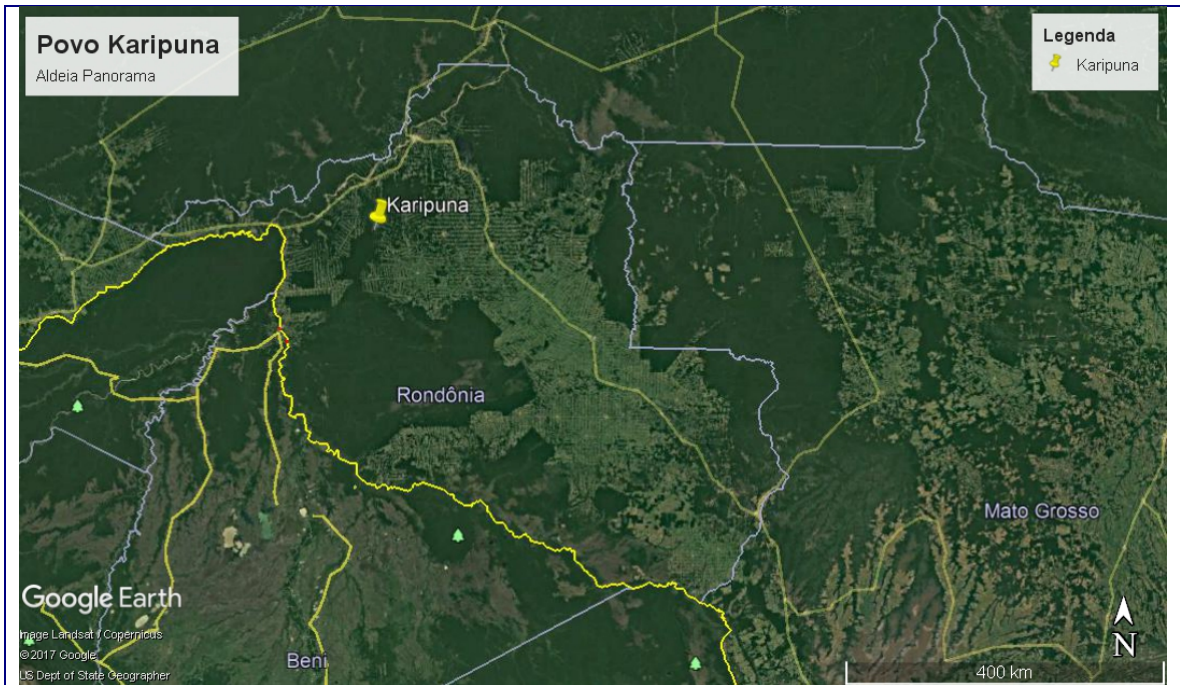


Figura 3

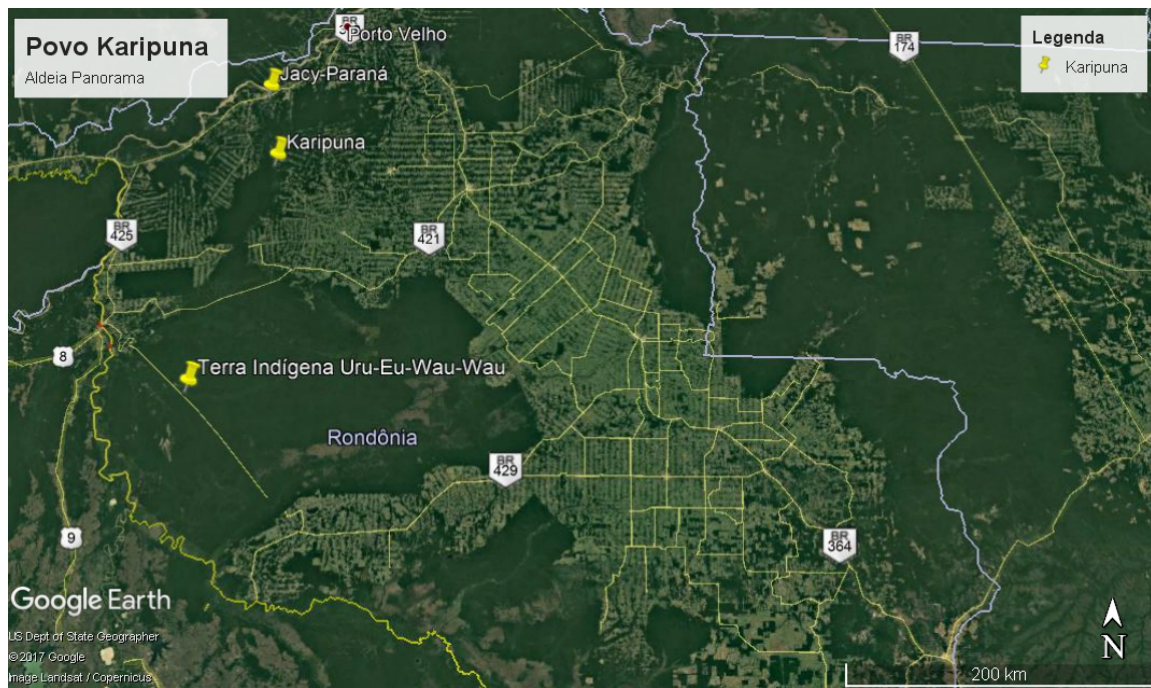


Figura 4

Módulo 2

Caracterização Territorial

Este módulo do formulário do INDL abrange a identificação dos lugares onde é falada a língua de referência, bem como a delimitação e caracterização do território dessa língua. Além das informações do formulário, as principais localidades de ocorrência da língua também devem ser objeto de documentação audiovisual através da produção de fotos e vídeos. Lembre-se de que a partir desse módulo, os proponentes dos inventários regionais deverão preencher um formulário para cada língua de referência.

1. Identificação das localidades onde a língua é falada

Neste espaço, serão identificadas as localidades de ocorrência da língua de referência, dentro da área de abrangência da pesquisa, além daqueles onde a língua ocorre fora da área levantada pela pesquisa.

1.1 Localidades de ocorrência da língua fora da área de abrangência da pesquisa

Assinale a opção adequada. Caso confirme a existência de localidades onde haja falantes da língua de referência fora da área de abrangência da pesquisa e tais localidades sejam conhecidas, preencha o quadro em 1.1.1 (somente preencha o quadro 1.1.1 se estiver seguro das informações fornecidas).

- Existem localidades onde há falantes da língua de referência, mas que estão fora da área de abrangência da pesquisa?

<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
Obs.: há um falante Karipuna fora da aldeia e que mora em Porto Velho, capital de Rondônia. Além disso, outro falante vive na aldeia Iterap 2, dos Arara, povo também Tupi.	

1.1.1 Identificação de localidades de ocorrência da língua conhecidos fora da área de abrangência da pesquisa.

Nome da localidade em Português	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade
Localização de um dos falantes que mora em área urbana	(Lat. (X)): 8° 44' 18" S (Long. (Y)): 63° 51' 23" W	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Porto Velho	<input checked="" type="checkbox"/> Urbano <input type="checkbox"/> Rural	<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental <input type="checkbox"/> Terra Indígena <input type="checkbox"/> Território Quilombola <input type="checkbox"/> Localidade de litígio fundiário <input type="checkbox"/> Sem estatuto jurídico especial
Falante que mora com os Arara na aldeia Iterap 2, Terra Indígena Iguarapé Lourdes	(Lat. (X)): 10° 32' 74" S (Long. (Y)): 61° 38' 87" W	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Ji-Paraná	<input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural	<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental <input checked="" type="checkbox"/> Terra Indígena <input type="checkbox"/> Território Quilombola <input type="checkbox"/> Localidade de litígio fundiário <input type="checkbox"/> Sem estatuto jurídico especial

1.2 Localidades de ocorrência da língua na área de abrangência da pesquisa

Preenchimento automático da(s) localidade(s) de ocorrência da língua de referência conforme listados no Item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa (para a versão impressa, copie e cole na tabela abaixo as localidades onde foi

identificada a língua de referência). Para inventários amplos, solicita-se o preenchimento do nome de cada localidade na língua de referência (quando houver).

Selecione, no espaço apropriado, as localidades que fazem parte da área correspondente à **comunidade de referência** da língua. Se a pesquisa não fez uma distinção entre comunidade linguística e comunidade de referência, todas as localidades deverão ser selecionadas. Compreende-se a comunidade de referência como os grupos sociais com os quais o inventário teve maior interação, resultando em ações de mobilização social e produção de conhecimentos mais consistentes. Conferir Volume I, seção 4, do Volume, para obter maiores detalhes sobre essas noções.

Nome da localidade em Português	Aldeia Panorama
<i>Nome da localidade da língua de referência</i>	
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

2. Caracterização do território da língua

2.1 Padrão de distribuição geográfica das localidades de ocorrência da língua

- Com relação à população falante da língua

Marque no quadro abaixo a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência.

- | |
|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> Concentrada em uma área geográfica |
| <input type="checkbox"/> Dispersa em áreas geográficas descontínuas |

- Com relação ao padrão de residência em locais urbanos

Para cada linha, marque a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência em relação aos espaços rurais e urbanos.

- | |
|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> A comunidade linguística é majoritariamente rural e há poucos falantes em áreas urbanas |
| <input type="checkbox"/> A comunidade linguística é majoritariamente rural , mas há muitos falantes em áreas urbanas |
| <input type="checkbox"/> A comunidade linguística é majoritariamente urbana |
| <input type="checkbox"/> Há um movimento crescente de migração dos falantes para áreas urbanas |
| <input checked="" type="checkbox"/> Não há movimentos significativos de migração dos falantes para áreas urbanas |

2.2. Caracterização da área da comunidade de referência da língua

Para todas as localidades na área da comunidade de referência, preencha as informações do quadro abaixo. Utilize um quadro para cada localidade. Utilize o mesmo nome para a localidade que foi utilizado no quadro 6.4 do módulo de identificação da pesquisa.

Nome da Localidade	Aldeia Panorama
---------------------------	-----------------

<p>Demografia Marque um “x” na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)</p>	<p><input type="checkbox"/> População de falantes da língua é majoritária <input checked="" type="checkbox"/> População de falantes da língua é minoritária <input type="checkbox"/> População de falantes e não falantes é equilibrada (\pm 50% para cada)</p>
<p>Temporalidade Marque um “x” na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referencia vive nesta localidade</p>	<p><input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 25 anos <input checked="" type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há mais de 100 anos</p>
<p>Infraestrutura Marque um “x” nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> Possui rede de eletricidade. Obs.: somente à noite, quando o gerador da aldeia é ligado a partir das 18h00min e desligado às 23h00min. <input type="checkbox"/> Possui atendimento permanente de saúde <input type="checkbox"/> Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos</p>
<p>Economia Marque um “x” na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais <input type="checkbox"/> A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais</p>
<p>Observações:</p>	

2.2.1 Síntese das características da área da comunidade de referência da língua

Sintetizar as características sociais, culturais, geográficas, ecológicas e econômicas da área ocupada pela comunidade de referência da língua para a pesquisa. Ressalte quaisquer fatores de ameaça que possam colocar em risco os grupos sociais que vivam na área pesquisada. Caracterize as localidades de forma apropriada, buscando ressaltar as semelhanças e diferenças entre elas. Se área de pesquisa for muito diversificada, caracterize essa diversidade.

Características sociais

Os indígenas Karipuna vivem numa área de pouco mais de 150 mil ha., a Terra Indígena (T.I) Karipuna. Há algumas fazendas ao redor da T.I e alguns ribeirinhos que sobrevivem do plantio de algumas culturas, da caça e da pesca. A convivência com os moradores ao redor é bastante pacífica. A exemplo, houve um sábado em que os indígenas foram convidados por um fazendeiro das redondezas para o aniversário do filho de seu caseiro. A maioria dos Karipuna foi ao aniversário, que durou toda a tarde do dia em questão. A relação com os ribeirinhos também é amistosa, com momentos de troca de “mudas” de plantas, como bananeira.

Características geográficas

Geograficamente, a T.I dos Karipuna é preservada, mas esse estado se encontra em grande ameaça pelos invasores de suas terras, como grileiros e madeireiros ilegais. Os indígenas, inclusive,

expulsaram pessoalmente, em um dos dias em que o pesquisador esteve em campo, um grupo de quatro grileiros que estavam abrindo picadas a 3KM da aldeia. Há um rio a menos de 700 metros da aldeia, o Jacy-Paraná, onde as crianças frequentemente pescam e tomam banho todas as tardes. A região também tem várias serras que não excedem 100 metros de altitude.

Características ecológicas

Ecologicamente, encontram-se várias espécies de plantas e animais na região. Aves de diferentes tonalidades e tamanho ainda são vistas da aldeia dos Karipuna. Infelizmente, não há a abundância de peixes de outrora. Os indígenas e os próprios moradores da região atribuem essa realidade aos vários moradores de outras cidades que pescam durante períodos proibidos pelo IBAMA, mas que devido à parca fiscalização, há uma grande facilidade para a pesca no período de reprodução dos peixes. Pirarucus com peso acima de 80KG ainda podem ser encontrados no rio Jacy-Paraná, em alguns pontos conhecidos pelos indígenas, bem como a espécie Jaú e Cara de Cachorro.

Econômicas

A economia gira em torno das pequenas culturas, no caso dos indígenas. Estes plantam mandioca para fazer farinha, bem como outras culturas para a própria subsistência, como banana. A caça e a pesca são praticadas com frequência, principalmente pelas crianças, que várias vezes conseguem pegar peixes consideravelmente grandes ao se considerar a prática que utilizam, que é a “linhada”.

Semelhanças e diferenças sociolinguísticas marcantes entre as localidades de ocorrência da língua

Só há um local de ocorrência da língua

Síntese das situações de risco para a comunidade linguística e a língua

Há várias invasões de grileiros na T.I dos Karipuna e também já se sabe que há extração ilegal de madeira a mando de madeireiros que residem, segundo os indígenas Karipuna, nas localidades mais próximas, como as cidades Bandeirantes e Buriti.

Coincidentemente, no segundo dia em trabalho de campo na aldeia Panorama, o indígena Aripã, um dos mais velhos da aldeia, fora caçar pela manhã, voltou poucas horas depois avisando a todos que havia encontrado rastros recentes de grileiros. Esses rastros eram picadas, que geralmente têm o fim de demarcar as áreas para posteriores grilagens de terras indígenas.

Avisados dos invasores, todos os homens que se encontravam na aldeia saíram para averiguar a situação. Também fui com os indígenas para filmar todo o percurso e as provas de que existem pessoas invadindo suas terras. Caminhados 4km, já encontramos picadas que, segundo os indígenas, haviam sido feitas já no presente dia. 2km depois também constatamos derrubadas de madeiras, como mostram algumas fotos abaixo. Poucos quilômetros depois, encontramos o acampamento de quatro invasores. Não houve confronto. Os grileiros disseram que não sabiam que estavam em terra indígena e que foram enganados por quem prometera que eles poderiam comprar a terra, pois ela estava regularizada para venda. Os Karipuna esperaram que os grileiros arrumassem todos os seus pertences para irem embora. Depois que os invasores deixaram a terra, os indígenas atearam fogo no acampamento provisório. Todo o evento foi gravado e, possivelmente, será entregue às autoridades para que tomem providência do ocorrido. Foi uma feliz coincidência que o pesquisador pode estar em campo para registrar os invasores e a sua retirada. Foram entregues cópias dos vídeos e das fotos para os indígenas Karipuna.

Os indígenas contam que as invasões são recentes, pois começaram no presente ano. A cada novo vestígio que os indígenas encontram, mais próximos esses estão da sua aldeia. A primeira imagem mostra a distância do acampamento provisório dos grileiros à aldeia dos Karipuna, a pouco mais de 3km.

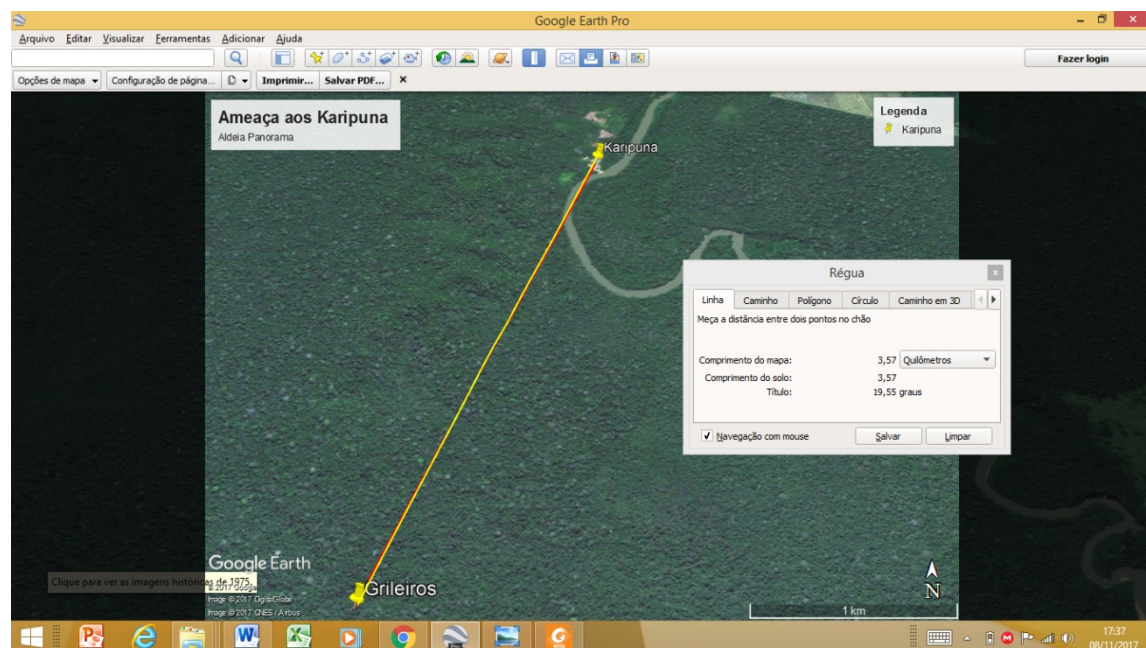


Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Imagem 16



Imagem 17

2.3 Dados do acervo digital sobre as localidades

Utilize este item para anexar / fazer o upload de arquivos que caracterizem as localidades de ocorrência da língua: fotos, vídeos, mapas de cada localidade, croquis, etc. Para cada upload, é necessário informar do nome da localidade, utilizando o mesmo padrão de apresentação das localidades no item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa.

Nome do local	Anexar/ Fazer Upload de dados do acervo digital sobre as localidades
---------------	--

À direita, a casa em modelo palafita do cacique Batiti. À esquerda, a casa também de palafita onde mora o indígena Kashinawá (língua da família Pano).



Imagem 18

Casa onde fica o rádio da aldeia. É também onde dorme um não indígena, cuja mãe é Uru-Eu-Wau-Wau casada com um não indígena.



Imagem 19

Banheiro comunitário da aldeia.









Imagem 20

Vista para o rio Jacy-Paraná, que fica a menos de 200 metros da aldeia.



Imagem 21

<p>Imagem frontal da aldeia.</p>	 <p>Imagem 22</p>
<p>Rio Jacy-Paraná.</p>	 <p>Imagem 23</p>
<p>Canoas do povo Karipuna de Rondônia. Meio mais fácil de se chegar à aldeia.</p>	 <p>Imagem 24</p>
<p>Aldeia dos Karipuna de Rondônia. Visão frontal.</p>	 <p>Imagem 25</p>

<p>Aldeia dos Karipuna de Rondônia.</p>	 <p>Imagem 26</p>
<p>Aldeia dos Karipuna de Rondônia. À direita, em primeiro plano, a casa da anciã Karipuna Katika. Em segundo plano, a casa do cacique, seu filho, Batiti.</p>	 <p>Imagem 27</p>
<p>Posto de saúde da aldeia dos Karipuna de Rondônia. Não há atendimento de saúde permanente no momento.</p>	 <p>Imagem 28</p>
<p>Vista da parte atrás da casa do cacique e do indígena Kashinawá (Pano). A estrada foi recentemente aberta e é um dos meios de se chegar à aldeia. No entanto, nos períodos chuvosos, é quase impossível perfazer o percurso.</p>	 <p>Imagem 29</p>

<p>Ao lado da caixa d'água, o gerador que dá conta da eletricidade na aldeia no período noturno.</p>	 <p>Imagem 30</p>
<p>Sala de aula da escola da aldeia Panorama.</p>	 <p>Imagem 31</p>
<p>Mesa do professor da aldeia dos Karipuna de Rondônia.</p>	 <p>Imagem 32</p>

2.4 Mapa(s) de distribuição geográfica da língua

Apresente um ou mais mapas (esboço, croqui, etc) que represente(m) a distribuição geográfica da língua.

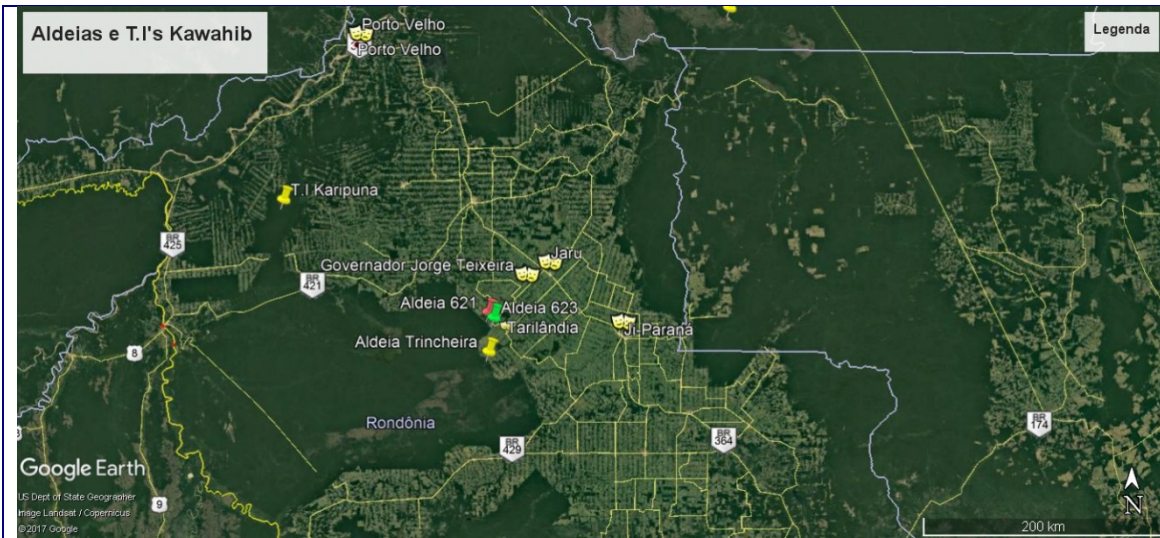


Imagem 33

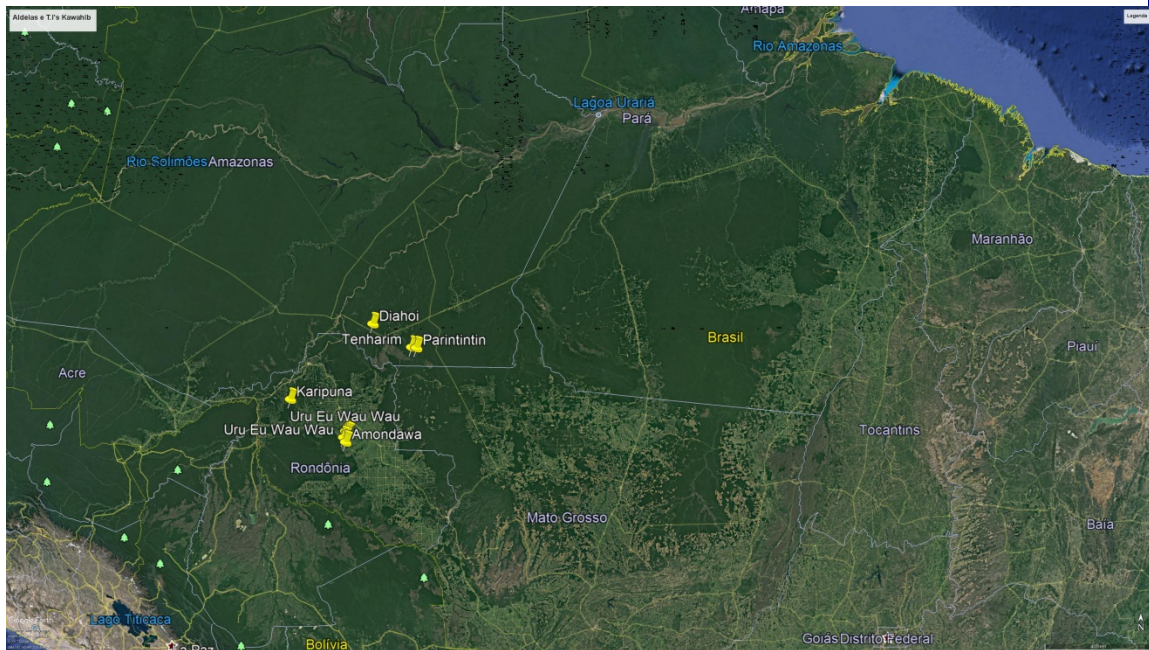


Imagem 34

Módulo 3

Comunidade Linguística

1. Identificação da comunidade linguística

A comunidade linguística pode ser classificada como:

Selecione a classificação adequada para a comunidade linguística.

<input checked="" type="checkbox"/> Indígena	→ Identificar a(s) etnia(s): povo Karipuna, do grupo Kawahiba, família Tupi-Guarani, Tronco Tupi. O povo Karipuna se lembra de que era um povo junto dos demais povos Kawahiba, que são o Parintintim, o Tenharim, o Juma, o Diahoi, o Uru-Eu-Wau-Wau, o Capivari, o Piripkura, e o Apiaká.
<input type="checkbox"/> De imigração	→ Identificar país/região de origem:
<input type="checkbox"/> Afro-brasileira	
<input type="checkbox"/> Outra. Explique	
<input type="checkbox"/> Não-especificada	

2. População da comunidade linguística

2.1 População identificada na pesquisa (comunidade de referência)

Informe, em números absolutos, a população de indivíduos da comunidade de referência identificada pela pesquisa.

21 indivíduos moram na aldeia Panorama, entre indígenas Karipuna, não indígenas e indígenas de outro povo, e dos quais 11 são Karipuna. Há um Karipuna morando entre os Arara, povo Tupi, também de Rondônia. Há 5 indígenas Uru-Eu-Wau-Wau, povo também Kawahiba. Há um indígena Pano, cuja mãe é Kaxarari, enquanto o pai é Kaxinawá. E são 20 os Karipuna que moram na cidade, todos em Porto Velho.

2.2 Estimativa da população total

Informe, em números absolutos, a(s) estimativa(s) do total de indivíduos da comunidade linguística (da própria pesquisa e/ou outras pesquisas disponíveis).

29 é o número total de Karipuna.

3. Caracterização da comunidade linguística

Para cada um dos subitens, produza um texto dissertativo que caracterize a comunidade linguística, com base nas questões propostas.

3.1 Histórico

Sintetize o contexto histórico da comunidade linguística, ressaltando os seguintes aspectos: **deslocamento geográfico** dos falantes (seu território atual e passado); eventos históricos que levaram os falantes a terem **contato com outras línguas**, além de outros aspectos e situações considerados pertinentes para este campo.

Tem sido atribuído o termo Kawahiba (Kagwahiva ~ Kawahiv ~ Kawahiva ~ Kawahiba) a um complexo dialetal composto por, no mínimo, oito dialetos ainda existentes e falados por diferentes etnias conhecidas como Uru-Eu-Wau-Wau (ou Jupa'ú), Amondawa, Karipuna de Rondônia, Parintintim, Tenharim, Juma, Diahoi e Piripkura. Outro povo também pertencente ao pan-Kawahiba, mas já extinto, é o Capivari, do qual restou um falante de 97 anos, que mora com os Karitiana, povo do Tronco Tupi, família Arikém, em Rondônia. Outros dois povos que vivem em Mato Grosso, o Apiaká, cuja última falante morreu em 2013, e o Kayabi, são tidos como Kawahiba. No entanto, a filiação linguística desses povos ao pan-Kawahiba necessita de mais pesquisas. Isso principalmente quanto aos Kayabi, dos quais os Karipuna de Rondônia não se lembram de estarem juntos no passado durante suas migrações para “a terra onde o sol se põe, o oeste”. Há ainda povos que vivem em isolamento na T.I Uru-Eu-Wau-Wau, entre os quais os Urupain, que são Kawahiba, segundo os Amondawa e os Uru-Eu-Wau-Wau, bem como povos de não filiação ao pan-Kawahiba, chamados pelos Kawahiba de Wryryryrekwara, “aqueles de flecha grande”.

Outros povos dados como extintos, tais como os Kawahiba que habitavam áreas próximas ao rio Machado, como os Paranawat (NIMUENAJÚ, 1981 [1944]) e Wiraféd (NIMUENAJÚ, 1981 [1944], 1955); também em um tributário deste mesmo rio, mais próximo do rio Muqui, caso dos Takwatip (NIMUENAJÚ, 1948, 1981 [1944]; LÉVI-STRAUSS, 1955: 379-439; MEIRELLES e MEIRELLES, 1981: 139-140); e os Ipotewát, no rio Machado, falavam dialetos Kawahiba. Lévi-Strauss (1955) também menciona povos que já estavam quase em extinção à época e que moravam perto do rio Machado, em Ji-Paraná, como os Tucumanfét e os Jabotiféd, e os já extintos no momento, os Mialat, que habitavam a região do rio Leitão, em 1938. O povo conhecido como Piripkura (palavra da língua Gavião, que pertencente ao Tronco Tupi, família Mondé, significa “borboleta”), atualmente em fase de contato, também fala um dialeto Kawahiba. Há semelhanças culturais entre os povos. Por exemplo, todos têm metades exogâmicas patrilineares não localizadas com nomes de aves; Mutum e Gavião Real, no caso dos Parintintim, dos Amondawa, dos Uru-Eu-Wau-Wau e dos Karipuna de Rondônia.

Os dialetos Kawahiba falados pelos povos Amondawa, Karipuna de Rondônia, Uru-Eu-Wau-Wau e o único falante de Capivari são os únicos da família Tupi-Guarani no estado de Rondônia, junto das demais famílias do Tronco Tupi Arikém, Mondé, Ramarama, Tupari e Puroborá. Todas essas etnias estão localizadas no Sudeste Amazônico, especificamente nos estados brasileiros de Rondônia (Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Capivari e Karipuna de Rondônia) e Amazonas (Parintintim, Tenharim, Juma e Diahoi). Os Apiaká e os Piripkura estão no noroeste do Mato Grosso, enquanto os Kayabi ao norte deste estado.

Historicamente, há evidências de que essas etnias pertenceram a um ancestral comum, dados os relatos que os próprios Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau e Karipuna contam a respeito do histórico de migração do povo. Dizem eles que antigamente todos os indígenas Kawahiba estavam juntos e, então, se separaram, principalmente, por conta de brigas internas cuja motivação é sempre tratada como um tabu.

Um mapa etno-histórico de Nimuendajú (1981 [1944]; cf. Mapa 2 na seção ANEXOS) aponta que os grupos Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau e Karipuna - e possivelmente os demais povos Kawahiba que estiveram em Rondônia - provêm de um dos três grupos que se separaram do ancestral comum que habitava a foz do rio Tapajós quando fugiram, perseguidos pelos Munduruku - outro povo Tupi- seus inimigos à época. Um desses povos, possivelmente os Parintintim e Tenharim, se refugiou próximo ao rio Marmelos; outro, os Apiaká, cuja língua se encontra extinta, se estabeleceu próximo ao Alto Tapajós; e, por último, temos os remanescentes dos Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna e Capivari, que teriam entrado em Rondônia pelos afluentes do rio Madeira, rios Jaci-Paraná e Jamari (LEONEL, 1995, p. 33).

Os primeiros relatos sistemáticos a respeito dos Kawahiba nos são dados por Nimuendajú (1924; 1948), quando este foi designado pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) para fazer o primeiro contato com os indígenas Kawahiba do rio Madeira, no Amazonas, que, neste caso, eram pertencentes à etnia Parintintim:

No século 18, uma tribo chamada Cabahica viveu no Alto Tapajóz, entre as confluências do rio Arinos e Juruena e na foz do rio São Manoel. A informação sobre essa tribo é escassa, parcialmente pelo fato de que ela nunca viveu nas margens de algum grande rio, diferentemente de seus vizinhos, os Apiaká (NIMUENDAJÚ, 1948, p. 283).

Os anciãos Uru-Eu-Wau-Wau da linha 621, o casal Boakara e Manda, e os da linha 623, Paijupi e Borea, lembram que nos tempos antigos estavam juntos com os povos Tenharim e Amondawa. Borea ainda conta que encontraram com os Karitiana durante suas migrações, povo da família Arikém do tronco Tupi, localizado no extremo norte do estado de Rondônia; e com os Apiaká, da Família Tupi-Guarani, Tronco Tupi. Este povo tem sido considerado na literatura como também um povo Kawahiba. Os povos Kawahiba mencionados se dispersaram devido aos ataques dos brancos àquela época. Além disso, brigas internas levaram os hoje Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna, Capivaria e Tenharim a se separarem posteriormente.

Ainda por conta dessas brigas, houve mais dispersões. Dessa vez, os Uru-Eu-Wau-Wau se deslocaram para um lugar chamado de Comandante Ary, em Rondônia. Lá, tiveram contato com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) na década de 80, numa expedição organizada pelos sertanistas Zebel, Apoena Meireles e outros indígenas de povos residentes em Rondônia, os quais tinham o objetivo de salvar os Kawahiba de um iminente encontro fatal para os indígenas. Ademais, dentre os indígenas que ajudaram na expedição, estavam presentes indígenas de povos Paiter Suruí, Tenharim e Wari.

Esse contato foi responsável pela morte de boa parte dos Kawahiba. Alguns ainda tentaram voltar até os Amondawa. Já contaminados, também levaram doenças, o que ocasionou a morte de indivíduos Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau à época.

Já os Karipuna se lembram de que seus antepassados contavam que todos os Kawahiba estavam juntos. Esses Kawahiba eram os Tenharim, os Parintintin, os Amondawa, os Diahoi, os Juma, os Piripkura e os Uru-Eu-Wau-Wau na região atualmente estado de Mato Grosso. Nessas andanças, seus antepassados contavam que se lembravam até de que guerream com os Xavante, povo Jê, que mora no Parque Indígena no Xingu. Saíram vitoriosos, principalmente porque eram muitos Kawahiba. Como bons Tupi, migravam constantemente. Durante essas migrações, alguns povos Kawahiba foram ficando em regiões que lhes apraziam. Esse foi o caso dos Piripkura, de quem hoje se sabe que há três falantes, Rita, casada com Aripã Karipuna e, por isso, vive boa parte do seu tempo na aldeia dos Karipuna, e seus irmãos, que preferiram o isolamento voluntário na T.I Piripkura, no estado do Mato Grosso.

Batiti Piripkura, exímio narrador das andanças do seu povo, e quem guardou boa parte daquilo que seus antepassados narravam, conta que os demais Kawahiba seguiram suas andanças sempre tendo como direção o “lugar onde o sol se põe”. “Queríamos conhecer as terras onde o sol se põe, porque viemos de onde ele nasce... de um lugar perto do mar”, diz ele. Após a dissidência dos Piripkura, os Kawahiba atravessaram o Rio Machado. A terra onde se encontravam agora já era no estado do Amazonas. Aqui, ficaram os Parintintim, Tenharim e Diahoi. Gostaram da região e decidiram se instalar por essas bandas desde já.

Seguiram viagem Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Karipuna, Capivari e Juma. Entraram novamente em Rondônia subindo o rio Madeira e, desse agrupamento maior, partiram por outro sentido, os Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa. Disseram que sabiam onde se encontrar quando precisassem. Os Karipuna, Juma e Capivari subiram o rio chamado de Contra pelos Karipuna, e ficaram pelas suas margens até os Capivari decidirem também se separarem indo em direção às cabeceiras do Jacy-Paraná.

Tempos depois, os Juma e os Karipuna encontraram-se com povos Wari. Houve várias guerras, com várias mortes do lado dos Kawahiba, até que esses indígenas decidiram reunir todos os Kawahiba de Rondônia para extinguir os Wari, que já estavam até zombando das mortes dos Kawahiba. Desse modo, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa vieram de encontro aos demais Kawahiba e se uniram para a maior guerra que teriam contra a ameaça Wari.

Nesse momento, entusiasticamente, contam Batiti e Aripã, que até as crianças Kawahiba foram armadas com “bordunas” feitas de pupunheira. Localizada a grande aldeia dos Wari que, conforme Batiti, tinha mais de 600 Wari dentro de uma única maloca gigante, era a vez dos Kawahiba aguardarem o momento certo. Nesses dias os Wari estavam comemorando as mortes dos Kawahiba. Era festa, portanto. Passaram-se três dias cercado a aldeia dos Wari, até que um pajé Kawahiba disse que o

momento de atacar era agora. Alguns homens Kawahiba entraram na maloca e cortaram a corda dos arcos dos Wari. Depois de todas as cordas cortadas e checadas para confirmar, um Wari se levanta para urinar, o que poderia levar ao início do ataque. Ao voltar, o Wari é surpreendido com um golpe de bordunha feito de pupunheira. É o início do massacre dos Wari pelas mãos dos Kawahiba. Alguns conseguiram fugir pelos fundos da maloca em direção à mata densa. Os Kawahiba imediatamente ateiam fogo na maloca e queimam alguns. Outros Wari observam de longe a sua maloca em chamas e começaram a chorar. Estava tudo escuro. Os Wari não viam, mas os Kawahiba estavam à espreita comemorando contidamente ao ouvirem os soluços de choro dos Wari. “Bem feito. Você matou meu irmão, agora eu mato o teu parente”, diziam os Kawahiba, felizes com o grande feito.

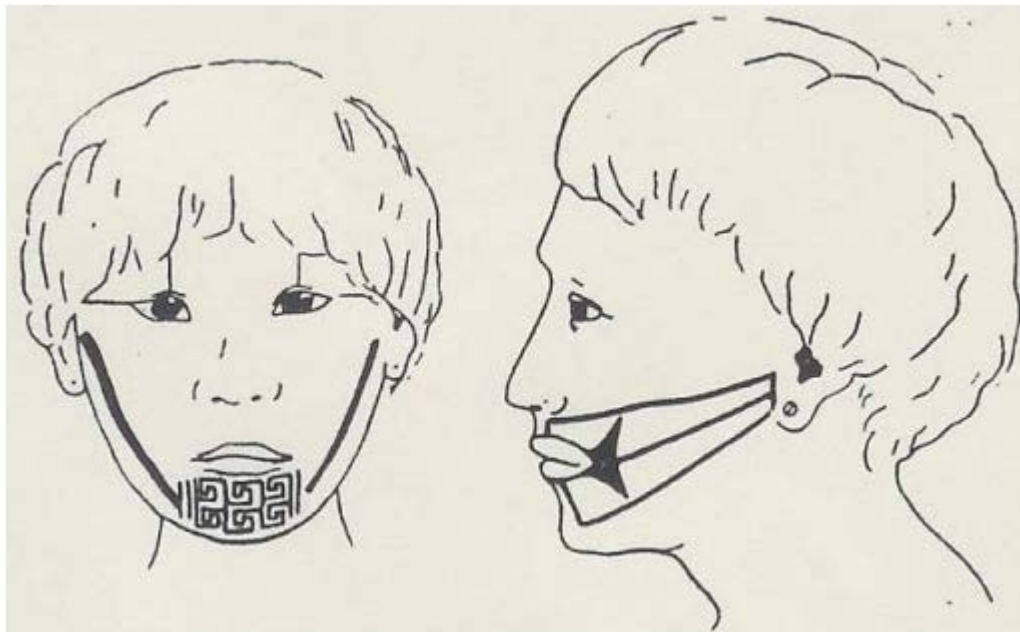
3.2 Presente

Faça uma síntese sobre a comunidade linguística atualmente, procurando responder às seguintes questões: quem são os falantes da língua de referência? O que os caracteriza em termos sociais e culturais? Como se dá sua relação com grupos sociais vizinhos e com a sociedade brasileira e de países vizinhos como um todo?

Os Karipuna são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani, do Tronco Tupi, e compõem o conjunto pan-Kawahiba junto de outros, no mínimo, 11 povos tidos na literatura como Kawahiba. Neste caso, incluem-se os Amondawa, os Tenharim, os Parintintim, os Juma, os Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa’u), os Diahoi, os Piripkura, os Capivari, os Apiaká e os Kayabi. Há ainda um povo Kawahiba isolado, que resiste ao contato com a sociedade nacional, caso dos Urupain. Os Uru-Eu-Wau-Wau também afirmam que há outro povo isolado na T.I Uru-Eu-Wau-Wau, mas que não é Kawahiba. A esse, dá-se o nome Wyrapararakwara, “indígenas de flecha grande”.

Culturalmente, como foi primeiramente observado por Denófrío (2013, p. 17) e confirmado em nosso trabalho de campo, esses povos se caracterizam por fazerem uso de tatuagens faciais que se diferenciam entre homens e mulheres, como se verifica na imagem abaixo, extraída de Nimuendajú (1924). É interessante notar a observação de Denófrío (op. cit., p. 17) de que os Piripkura não se lembram de fazer uso de tatuagens.

Imagem 35. Tatuagens masculina e feminina Kawahiba.



Dentre os traços culturais dos costumes Kawahiba, pode-se mencionar as técnicas de aumento do pênis; cintos masculinos feitos de cipó; estojo que acompanha o pênis; cabelos curtos; não consumação de tabaco; a prática da agricultura; a prática ritual de exo-antropofagia; terminologia de parentesco do tipo dravidiano; metades exogâmicas patrilineares não localizadas, com nomes de aves, Mutum e Gavião Real, no caso dos Parintintin, Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau e Karipuna; residência que tende a ser uxorilocal com circunstâncias neolocais; relações entre genros e sogros caracterizadas pelo imperativo da dívida e do dom, xamanismo horizontal; sistema de mudança onomástica, em que os nomes denotam os clãs, os sexos, as idades; e a dispersão geográfica e a autonomia política do grupo local (DENÓFRIO, 2013, p. 17).

No que respeita às relações sociais dos Karipuna com a sociedade não indígena, como já mencionado, é bastante pacífica. A exemplo, houve um sábado em que os indígenas foram convidados por um fazendeiro das redondezas para o aniversário do filho de seu caseiro. A maioria dos Karipuna foi ao aniversário, que durou toda a tarde do dia em questão. A relação com os ribeirinhos também é amistosa, com momentos de troca de “mudas” de plantas, como bananeira.

Módulo 4

Identificação e Caracterização da Língua de Referência

1. Denominações

Em cada um dos quadros, inclua as denominações correspondentes para a língua e observações dessas nomeações (caso haja). É interessante que os proponentes dos inventários utilizem-se dos quadros de observações para fazer análises mais detalhadas sobre essas nomeações, discutindo possíveis traduções para os termos, explicando etimologias, identificando termos pejorativos, etc. Compreende-se por **autodenominações** aquelas que a comunidade linguística usualmente utiliza para se referir à língua de referência, o que pode ser diferente da denominação do grupo social. Em **heterônimos** estão contemplados nomes dados por pessoas de fora da comunidade: outros grupos, nomeação acadêmica, etc. As **denominações de ampla circulação** (ou seja, os termos mais comuns usados na sociedade para se referir à língua ou ao grupo social de falantes) e para inclusão no INDL (a ser definida em conjunto com a comunidade) podem coincidir desde que assim deliberado pela comunidade linguística e pelas equipes executoras dos inventários. Em geral, ambas também serão encontradas entre os termos de autodenominação ou heterônimos (consultar Parte 2, seção 3, para mais orientações sobre essa temática).

Autodenominações	Karipuna
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.</i>	Nome de um antigo falante do povo Karipuna. Os indígenas afirmam que a FUNAI, durante o contato, interpelou um senhor sobre o nome do seu povo. Esse indígena se chamava Jaripuna, e como o servidor da FUNAI não entendera que a palavra a que o indígena se referia era seu próprio nome, bem como ouviu ainda o primeiro som do seu nome diferentemente, foi anotado que o povo Kawahiba em questão se chamava Karipuna.

Autodenominações	Kawahiba
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.</i>	gente, índio

Heterônimos	Kawahiba
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.</i>	gente, índio, pessoa

Denominação/denominações de ampla circulação, ou seja, nome(s) pelo(s) qual/quais a língua é mais conhecida Poderá repetir denominações dos campos anteriores	Karipuna, Kawahiba
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i>	

Denominação utilizada neste formulário e que foi aprovada por um corpo representativo da comunidade linguística Poderá repetir denominações dos campos anteriores.	Kawahiba dos Karipuna
Justificativa	Os índios desejam que o nome da etnia faça parte, também, do nome da língua. É o povo que mais se reconhece como Kawahiba dentre todos os povos conhecidos na literatura com este etnônimo.
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i>	gente, índio, pessoa

2. Modalidade da língua

Selecione a opção adequada. As duas modalidades para a classificação das línguas de acordo com sua modalidade: Oral-auditiva – para as línguas cuja transmissão se dá primariamente a partir da oralidade, ou seja, pela comunicação verbal, e Visuo-espacial – cuja transmissão se dá a partir de sinais manuais e não-manuais, tais como expressões faciais e corporais.

<input checked="" type="checkbox"/> modalidade oral-auditiva
<input type="checkbox"/> modalidade visuo-espacial

3. Historicidade

3.1 A língua é falada no território nacional há pelo menos três gerações?

Selecione a opção adequada. Caso a resposta seja não, explique o histórico da presença da língua em território nacional.

<input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
Observações:

3.2 Indique os marcos temporais que caracterizam a história da comunidade linguística

Os marcos temporais podem ser provenientes da história oral do grupo e/ou de documentação histórica. É importante que os inventários sejam explícitos sobre a fonte e natureza desses marcos. Os marcos temporais podem ser identificados por tópicos ou por um texto corrido, destacando os marcos temporais principais.

Os anciãos Karipuna, como Aripã e Katika Karipuna, bem como o cacique e professor da escola da aldeia, Batiti, lembram-se de que seus antepassados contavam que todos os Kawahiba estavam juntos. Esses Kawahiba eram os Tenharim, os Parintintin, os Amondawa, os Diahoi, os Juma, os Piripkura e os Uru-Eu-Wau-Wau na região atualmente estado de Mato Grosso. Nessas andanças, seus antepassados contavam que se lembravam até de que guerrearam com os Xavante, povo Jê, que mora no Parque Indígena no Xingu. Saíram vitoriosos, principalmente porque eram muitos Kawahiba. Como bons Tupi, migravam constantemente. Durante essas migrações, alguns povos Kawahiba foram ficando em regiões que lhes apraziam. Esse foi o caso dos Piripkura, de quem hoje se sabe que há três falantes, Rita, casada com Aripã Karipuna e, por isso, vive boa parte do seu tempo na aldeia dos Karipuna, e seus irmãos, que preferiram o isolamento voluntário na T.I Piripkura, no estado do Mato Grosso.
--

Batiti Piripkura, exímio narrador das andanças do seu povo, e quem guardou boa parte daquilo que seus antepassados narravam, conta que os demais Kawahiba seguiram suas andanças sempre tendo como direção o “lugar onde o sol se põe”. “Queríamos conhecer as terras onde o sol se põe, porque viemos de onde ele nasce... de um lugar perto do mar”, diz ele. Após a dissidência dos Piripkura, os Kawahiba atravessaram o Rio Machado. A terra onde se encontravam agora já era no estado do Amazonas. Aqui, ficaram os Parintintim, Tenharim e Diahoi. Gostaram da região e decidiram se instalar por essas bandas desde já.

Seguiram viagem Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Karipuna, Capivari e Juma. Entraram novamente em Rondônia subindo o rio Madeira e, desse agrupamento maior, partiram por outro sentido, os Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa. Disseram que sabiam onde se encontrar quando precisassem. Os Karipuna, Juma e Capivari subiram o rio chamado de Contra pelos Karipuna, e ficaram pelas suas margens até os Capivari decidirem também se separarem indo em direção às cabeceiras do Jacy-Paraná.

Tempos depois, os Juma e os Karipuna encontraram-se com povos Wari. Houve várias guerras, com várias mortes do lado dos Kawahiba, até que esses indígenas decidiram reunir todos os Kawahiba de Rondônia para extinguir os Wari, que já estavam até zombando das mortes dos Kawahiba. Desse modo, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa vieram de encontro aos demais Kawahiba e se uniram para a maior guerra que teriam contra a ameaça Wari.

Nesse momento, entusiasticamente, contam Batiti e Aripã, que até as crianças Kawahiba foram armadas com “bordunas” feitas de pupunheira. Localizada a grande aldeia dos Wari que, conforme Batiti, tinha mais de 600 Wari dentro de uma única maloca gigante, era a vez dos Kawahiba aguardarem o momento certo. Nesses dias os Wari estavam comemorando as mortes dos Kawahiba. Era festa, portanto. Passaram-se três dias cercando a aldeia dos Wari, até que um pajé Kawahiba disse que o momento de atacar era agora. Alguns homens Kawahiba entraram na maloca e cortaram a corda dos arcos dos Wari. Depois de todas as cordas cortadas e checadas para confirmadas, um Wari se levanta para urinar, o que poderia levar ao início do ataque. Ao voltar, o Wari é surpreendido com um golpe de bordunha feito de pupunheira. É o início do massacre dos Wari pelas mãos dos Kawahiba. Alguns conseguiram fugir pelos fundos da maloca em direção à mata densa. Os Kawahiba imediatamente ateiaram fogo na maloca e queimaram alguns. Outros Wari observam de longe a sua maloca em chamas e começaram a chorar. Estava tudo escuro. Os Wari não viam, mas os Kawahiba estavam à espreita comemorando contidamente ao ouvirem os soluços de choro dos Wari. “Bem feito. Você matou meu irmão, agora eu mato o teu parente”, diziam os Kawahiba, felizes com o grande feito.

Os registros históricos, por sua vez, dão conta de que os povos Kawahiba de Rondônia, seja os Karipuna de Rondônia, os Amondawa, os Uru-Eu-Wau-Wau ou o único representante do povo Capivari, provêm de um dos três grupos que se separaram do ancestral comum que habitava a foz do rio Tapajós

quando fugiram, espremidos pelos Munduruku (família Munduruku, tronco Tupi), seus inimigos à época. Um povo, formado pelos agora Parintintim e Tenharim, se refugiou próximo ao rio Marmelos; outro, os Apiaká, cuja língua se encontra extinta, se estabeleceu próximo ao Alto Tapajós; e, por último, temos os remanescentes dos Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna de Rondônia e Capivari, que teriam entrado em Rondônia pelos afluentes do rio Madeira, rios Jaci-Paraná e Jamari (LEONEL, 1995, p. 33).

Outros povos, dados como extintos, tais como os Kawahiba que habitavam áreas próximas ao rio Machado, como os Paranawat (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944]) e Wiraféd (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944], 1955); também em um tributário deste mesmo rio, mais próximo do rio Muqui, caso dos Takwatip (NIMUENDAJÚ, 1948, 1981 [1944]; LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 379-439; MEIRELLES e MEIRELLES, 1981, p. 139-140); e os Ipotewát, no rio Machado, falavam dialetos desta língua. Lévi-Strauss (1955) também menciona grupos que já estavam quase em extinção à época e que moravam perto do rio Machado/Ji-Paraná, como os Tucumanfét e os Jabotiféd, e os já extintos no momento, os Mialat, que habitavam na região do rio Leitão, em 1938. O povo conhecido como Piripkura (palavra Gavião que significa “borboleta”), atualmente em fase de contato, também fala um dialeto Kawahiba. Do povo Capivari só restou um indígena, que mora hoje com os Karitiana, e já se encontra com 97 anos.

Além disso, ainda há um povo Kawahiba na T.I Uru-Eu-Wau-Wau não contatado, chamado pelos Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa de Urupain. Os Amondawa e os Uru-Eu-Wau-Wau também contam que há outro povo isolado nessa terra que não pertence ao povo Kawahiba, principalmente por sua flecha, que é tida como maior que a dos Kawahiba. Daí o nome Wyrapararakwara atribuído por esses indígenas aos isolados, termo que significa “aqueles de flechas grandes”.

4. Classificações da língua

Selecione a opção adequada e preencha com as informações requeridas. As línguas deverão ser classificadas em: Afro-brasileira, Crioula (nesses dois casos indicar também as línguas que lhes deram origem), Língua isolada (quando não há línguas aparentadas vivas ou documentadas historicamente) ou ainda através de seu Tronco (se houver) e Família Linguística (é o caso da maior parte das línguas indígenas brasileiras assim como das línguas de imigração). Para mais orientações, consultar a Parte 2, seção 4.

<input type="checkbox"/> Língua Afro-brasileira	
<input type="checkbox"/> Crioula	
Indicar as línguas que lhe deram origem:	
<input type="checkbox"/> Língua isolada	
<input checked="" type="checkbox"/> Tronco (se houver)	Tupi

[x] Família Linguística	Tupi-Guarani
Observação/caracterização adicional: <i>Listar as línguas geneticamente mais próximas</i>	Diahoi, Juma, Tenharim, Parintintim, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Karipuna, Capivari, Piripkura, Apiaká e Kayabi.
Observações gerais:	Com base nas próprias impressões dos indígenas, bem como nas referências disponíveis (SAMPAIO, 1997, 2012) sobre esses povos, trata-se de um complexo dialetal, e não de línguas diferentes.

5. Língua e Variedades

A discussão e o consequente estabelecimento do que é uma língua e o que são variedades de uma língua deverão ser feitos junto às comunidades linguísticas – especialmente devido ao caráter simbólico-político do reconhecimento patrimonial das línguas (para mais informações sobre o tema Língua e Variedades, consultar a seção 4, do Volume 1 do Guia).

5.1 Identificação de línguas e variedades

Responda a questão abaixo para línguas/variedades que possam ser interpretadas como sendo uma mesma língua com a língua de referência, a partir dos critérios discutidos na seção 4.3 do Volume 1 do Guia. Responda apenas com relação às línguas e variedades que são reconhecidas pela comunidade linguística. Identifique-as por meio de uma forma de denominação (autodenominação ou proposta sugerida pelo inventário) e classifique-as conforme as perguntas abaixo.

Utilize uma tabela nova para cada outra língua ou variedade

Denominação da variedade/língua	Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau
Localidades ou regiões onde é falada	Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau (Rondônia)
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	[x] Sim [] Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	[x] Mesma língua com relação à língua de referência [] Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	[x] Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) [] Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	[x] 1-Totalmente inteligível com a língua de referência [] 2-Quase totalmente inteligível

	<input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: há diferenças de sotaque entre ambas as variedades, segundo os indígenas Karipuna Katika, Batiti e André.	

Denominação da variedade/língua	Tenharim
Localidades ou regiões onde é falada	Terra Indígena Tenharim, Sudeste do Amazonas, próximo a Humaitá/AM.
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência

Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: há diferenças de sotaque entre ambas as variedades, segundo os indígenas Karipuna Katika, Batiti e André.	

Denominação da variedade/língua	Parintintim
Localidades ou regiões onde é falada	Terra Indígena Tenharim, Sudeste do Amazonas, próximo a Humaitá/AM
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (<i>como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos</i>)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>)

	<input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: há diferenças de sotaque entre ambas as variedades, segundo os indígenas Karipuna Katika, Batiti e André.	

Denominação da variedade/língua	Juma
Localidades ou regiões onde é falada	Amazonas
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)

Observações: há diferenças de sotaque entre ambas as variedades, segundo os indígenas Karipuna Katika, Batiti e André.

Denominação da variedade/língua	Kawahiba dos Amondawa
Localidades ou regiões onde é falada	Aldeia Trincheira – Mirante da Serra – Rondônia
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: há diferenças de sotaque entre ambas as variedades, segundo os indígenas Karipuna Katika, Batiti e André.	

Denominação da variedade/língua	Diahoi
Localidades ou regiões onde é falada	Amazonas
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: há diferenças de sotaque entre ambas as variedades, segundo os indígenas Karipuna Katika, Batiti e André.	

Denominação da variedade/língua	Piripkura
Localidades ou regiões onde é falada	Atualmente, são conhecidos três falantes, uma indígena e dois indígenas. A indígena é casada com um Karipuna, enquanto os dois indígenas Piripkura vivem em isolamento voluntário na T.I Piripkura, no estado de Mato Grosso.

A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: há diferenças de sotaque entre ambas as variedades, segundo os indígenas Karipuna Katika, Batiti e André.	

Denominação da variedade/língua	Capivari
Localidades ou regiões onde é falada	Há somente um indígena sobrevivente do povo Capivari. O indígena tem 97 anos e mora com os Karitiana, da família Arikém, também Tupi.
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não

O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
<p>Observações: há diferenças de sotaque entre ambas as variedades, segundo os indígenas Karipuna Katika, Batiti e André. Estes informaram, também, que o povo Capivari era um dos três clãs que compunha o povo hoje conhecido como Karipuna.</p>	

5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas

No que concerne às línguas identificadas como uma *Mesma Língua* em relação àquela de referência, descreva os principais elementos estruturais que as diferencia (por exemplo, a fonologia segmental, a prosódia, o léxico, a morfologia e a sintaxe)?

Utilize o quadro abaixo para identificar sucintamente tais elementos

<p>Somente uma pesquisa com esse fim pode apontar as diferenças estruturais das variedades da língua de referência. Dessa forma, é inviável que em um inventário como esse responda essa questão apropriadamente quanto aos níveis linguísticos de cada variedade.</p> <p>Por outro lado, identificamos abaixo as propostas de classificação e parentesco da língua dos povos Kawahiba no âmbito da família Tupi-Guarani e tronco Tupi.</p>

A dissertação de Sampaio (1997), *Estudo Comparativo Sincrônico entre os Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondawa): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba* propõe que Parintintim, Tenharim, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa são dialetos de uma mesma língua com o percentual de inteligibilidade mútua superior a 80%.

Em trabalho posterior, a autora (2012), com base na fonostatística, que considera critérios fonológicos para uma classificação interna, tal como na figura 12, e o método léxico-estatístico, com resultados apresentados na figura 13, também agrupa os dois povos, Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau, como mais próximos entre si dentro do complexo formado pelas demais etnias Kawahiba já mencionadas.

Figura 12. Agrupamento Kawahiba com base na fonostatística.

PHONOSTATISTICAL PHENOGRAM

The top scale indicates that the closer to 100, the greater the degree of similarity between the languages.

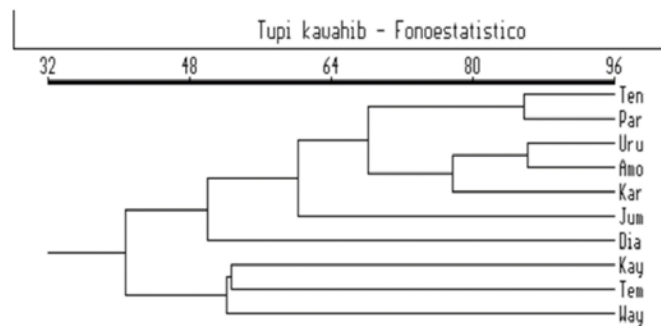
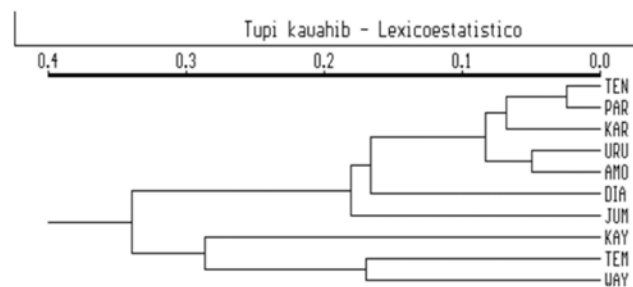


Figura 13. Agrupamento Kawahiba com base na léxico-estatística.

LEXICOSTATISTICAL PHENOGRAM

The top scale indicates that the closer to 0.00, the greater the degree of similarity between the languages

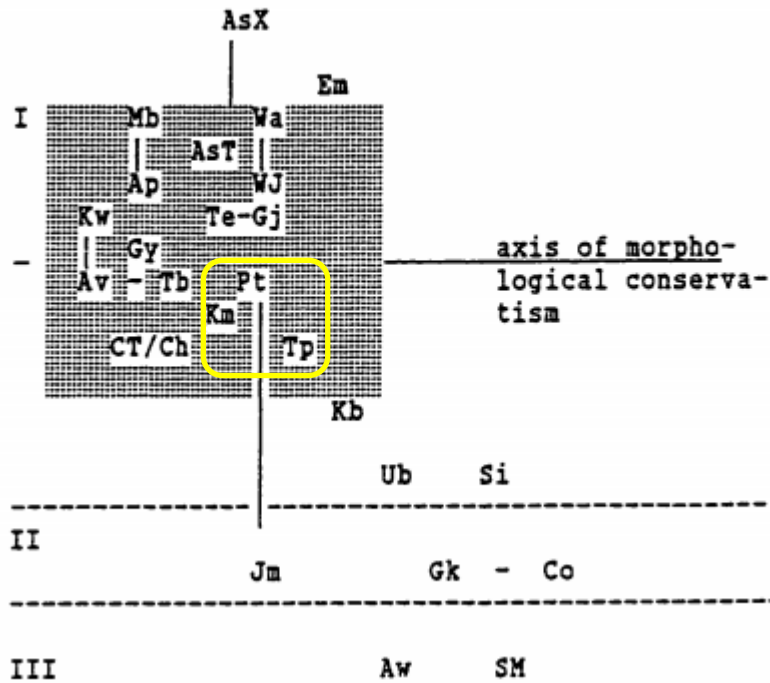


A classificação de Rodrigues (1964)

<p>Subconjunto I Guaraní Antigo Mbyá Xetá (Serra dos Dourados) Ñandéva (Txiripá)</p>	<p>Suruí do Tocantins (Majetére) Parakanã Guajajára Tembé</p>
---	--

<p>Kaiwá (Kayová, Pãí) Guarani Paraguaio Guayaki (Aché) Tapieté Chiriguano (Ava) Izoceño (Chané)</p> <p>Subconjunto II</p> <p>Guarayo (Guarayú) Sirionó Horá (Jorá)</p> <p>Subconjunto III</p> <p>Tupinambá Língua Geral Paulista (Tupí Austral) Língua Geral Amazônica (Nheengatú) Kokáma Kokamíya (Cocamilla) Omágua</p> <p>Subconjunto IV</p> <p>Tapirapé Avá (Canoeiro) Asuriní do Tocantins (Akuáwa)</p>	<p>Subconjunto V</p> <p>Kayabí Asuriní do Xingu Araweté (?)</p> <p>Subconjunto VI</p> <p>Parintintin (Kagwahib) Tupí-Kawahíb (Tupi do Machado, Paraweté, Wiraféd, etc.) Apiaká (?)</p> <p>Subconjunto VII</p> <p>Kamayurá</p> <p>Subconjunto VIII</p> <p>Takunyapé Wayampí (Oyampí) Wayampipukú Emérillon Amanayé Anambé Turiwára Guajá Urubú</p>
<p>Schleicher (1998), com base em mudanças fonológicas e conservacionismo morfológico, aproxima o Parintintin do Kamayurá e Tapirapé.</p>	

▨ = conservative languages

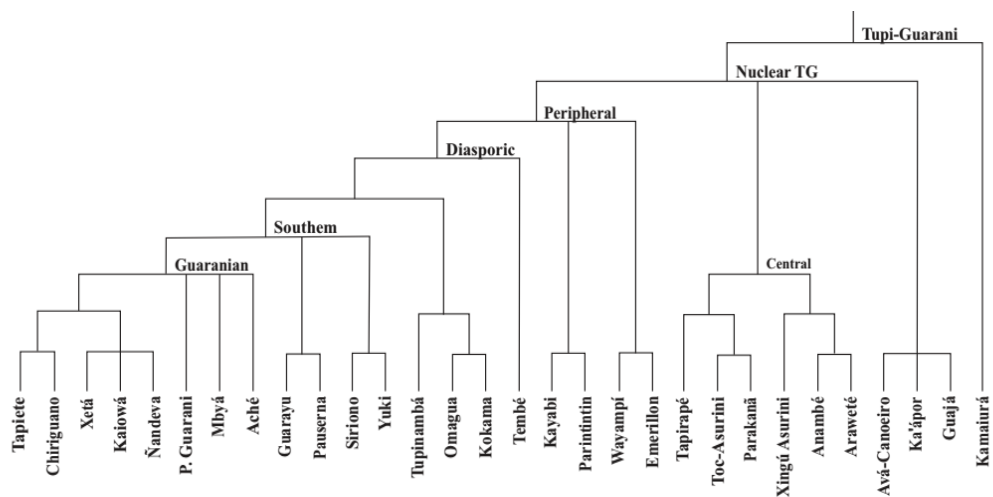


O trabalho de Mello (2000; 2002)

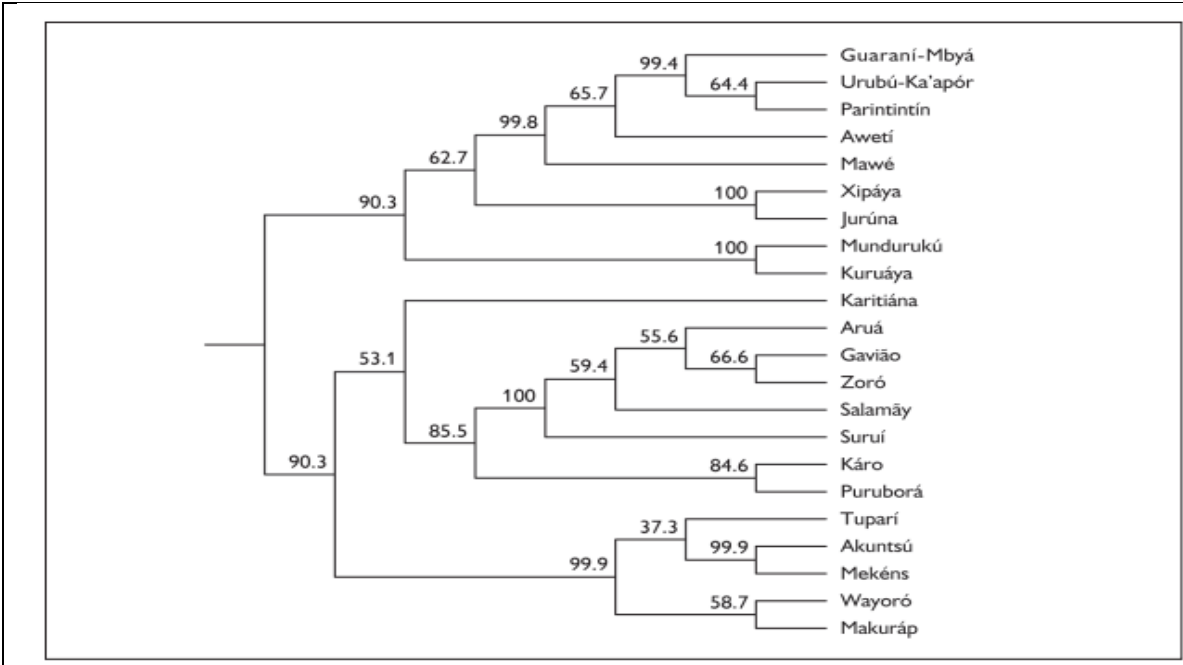
<p>Subgrupo I</p> <p>1a. Guarani Mbyá Guarani Antigo Guarani Paraguaio</p> <p>1b Chiriguano Chané Izoceño</p> <p>1c. Guayaki</p> <p>1d. Xetá</p> <p>Subgrupo II Sirionó</p> <p>Subgrupo III Guarayo</p> <p>Subgrupo IV</p> <p>IVa. Parintintin Amundava</p>	<p>Subgrupo VI</p> <p>VIa. Asurini do Trocará Suruí Parakanã</p> <p>VIIb. Tembé</p> <p>VIIc. Tapirapé</p> <p>VIIId. Asurini do Xingu</p> <p>Subgrupo VII Araweté Auré e Aura Anambé Guajá</p> <p>Subgrupo VIII Wayampí do Jari Wayampí do Amapari Emerillon Urubu-Kaapor</p>
--	---

Urueuwauwau IVb. Tenharim Karipúna Subgrupo V Apiaká Kayabí Kamayurá	Subgrupo IX Tupinambá Língua Geral Amazônica (Kokama)
---	---

A classificação de Michael et. al (2015), de natureza filogenética, lista uma das variedades Kawahiba, o Parintintin, como mais próximo ao Kayabi.



A classificação de Galucio, com base numa lista de palavras de 90 itens de nomes de animais e plantas et. al (2015), aproxima o Parintintin do Urubú-Ka'apor.



Por fim, gostaríamos de notar que recentemente Aguilar (2017) propôs que os Kayabi, povo que habita o norte do Pará, também faça parte do complexo dialetal Kawahiba. A autora não apresenta dados linguísticos que comprovem essa afiliação genética aos demais Kawahiba já mencionados, mas tão somente se baseia em fontes secundárias não linguísticas. Portanto, somos céticos quanto a essa proposta no momento, seja pela falta de dados que comprovem linguisticamente esse agrupamento aos Kawahiba, mas também e principalmente porque os Karipuna, os Amondawa e os Uru-Eu-Wau-Wau não confirmaram essa informação. Os Karipuna Aripã, Katika e Batiti, assim como os Amondawa Tari e os Uru-Eu-Wau-Wau da aldeia 621 Boakara e Manda nunca ouviram falar por parte de seus antepassados de um povo que se chamasse Kayabi e que estivesse junto nas migrações que realizaram desde o leste para o oeste. É aguardada, portanto, uma análise linguística que possa provar a filiação linguística da língua falada pelos Kayabi ao complexo Kawahiba.

No que concerne às línguas identificadas como *Línguas Diferentes* em relação àquela de referência, diga se há propostas na literatura especializada que tenham uma interpretação divergente, ou seja, que as classificam como variedades de uma mesma língua?

Utilize o quadro abaixo para identificar tais propostas e resumir seus argumentos.

<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Identificação e resumo das propostas: Não há propostas na literatura que tratem essas variedades como línguas diferentes.

5.3 Documentação da pesquisa sobre línguas e variedades

Faça o upload ou escreva no quadro abaixo o *link* no quadro abaixo dos arquivos que apresentem os principais instrumentos e produtos utilizados na documentação, levantamentos e discussão com a comunidade sobre línguas e variedades.

GALUCIO, Vilacy; MEIRA, Sérgio; BIRCHALL, Joshua; MOORE, Denny; GABAS JÚNIOR, Nilson; DRUDE, Sebastian; STORTO, Luciana; PIKANÇO, Gessiane; RODRIGUES, Carmem R. Genealogical relations and lexical distances within the Tupiana linguistic family. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 2, maio-ago 2015. p. 229-274. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v10n2/\[telefone anonimizado\]-bgoeldi-10-02-00229.pdf](http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v10n2/[telefone anonimizado]-bgoeldi-10-02-00229.pdf). Acessado em 26 jun. 2017.

MELLO, Antônio A. S. *Estudo histórico da família linguística Tupi-Guarani*. Tese. 286 p. (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

MELLO, Antônio A. S. Evidências fonológicas e lexicais para o subagrupamento interno Tupi-Guarani. In: CABRAL, Ana Suely A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). *Línguas Indígenas Brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará (EDUFPA), 2002. p. 338-342.

MICHAEL, Lev; CHOUSOU-POLYDOUN, Natalia; O'Hagan, Zachary; BARTOLOMEI, Keith, DONNELLY, Erin. A bayesian phylogenetic classification of Tupí-Guaraní. *Liames*, Campinas/SP, n. 15, v. 2, jul./dez. 2015. p. 193-221.

RODRIGUES, Aryon D. Relações internas na família Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 27-28, 1984/1985. p. 33-53.

SAMPAIO, Wany Bernardete A. *Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondava): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba*. Dissertação. 103 p. (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1977.

SAMPAIO, Wany Bernardete A. *The Tupi-Kawahiba languages: A Phylogenetic systematics based comparative study*. Apresentação Powerpoint no website PowerShow.com. 2012.

SCHLEICHER, Charles O. *Comparative and internal reconstruction of Proto-Tupi-Guarani*. Tese. 372 p. (Doutorado em Linguística) - University of Wisconsin-Madison. Wisconsin, 1998.

6. Situação político-jurídica

Nos itens apresentados a seguir, identifique a situação das línguas com relação a leis de oficialização e/ou patrimonialização existentes. Identificar línguas que tenham passado, estejam passando ou que ainda não foram objeto de **leis de patrimonialização ou oficialização** é uma importante ferramenta para se conhecer a diversidade desses instrumentos no território nacional e acompanhar as ações decorrentes desses processos, bem como sua efetividade.

6.1 Oficialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de oficialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
<input type="checkbox"/> Língua Oficial		
<input type="checkbox"/> Língua em processo de oficialização		
<input checked="" type="checkbox"/> Língua não-oficial		

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/ <i>hyperlink</i> (se houver)

6.2 Patrimonialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de patrimonialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
<input type="checkbox"/> Língua reconhecida como patrimônio		
<input type="checkbox"/> Língua em processo de reconhecimento patrimonial		
<input checked="" type="checkbox"/> Língua sem reconhecimento patrimonial		

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/ <i>hyperlink</i> (se houver)

6.3 Caracterização das leis e estado atual de regulamentação

Caracterize as leis de oficialização e patrimonialização, discutindo sua abrangência e estado atual de implementação. Indique também seu estado atual de regulamentação (caso tenham sido), referindo o número dos processos e publicações, com breves descritivos e *hyperlinks* dos mesmos (se houver).

--

6.4 Fac-símiles dos documentos

Anexar ao formulário / Fazer upload de documentos completos de co-oficialização e patrimonialização

7. Recursos Documentais

Os recursos documentais estão divididos entre recursos *na* língua – quando a língua de referência é o principal código linguístico utilizado – e recursos *sobre* a língua – quando a língua de referência e a comunidade linguística são o tópico do documento feito em outra língua. Assim, os principais tipos de documentos listados *na* e *sobre* a língua são: produção bibliográfica (livros, panfletos, etc., incluindo materiais didáticos), produção áudio visual (documentários, filmes), produção musical (canções entre outras) e produções na internet – que devem incluir todos os documentos listados e que estejam numa plataforma WEB, além de produtos únicos na internet, como blogs, websites, páginas em redes sociais, vídeos, entre outros.

7.1. Produções documentais

Identifique e liste as principais produções documentais **na** e **sobre** a língua, incluindo, com a referência bibliográfica completa.

Produção bibliográfica na língua (incluindo materiais didáticos)

Não há alguma produção sobre a língua dos Karipuna. O conhecimento científico da língua Kawahiba ainda é reduzido, com estudos principalmente focalizados no dialeto dos Parintintin. A análise é preliminar, com poucos estudos recentes. A fonologia do Parintintin (PEASE e BETTS, 1971) tem somente 14 páginas; e o esboço da gramática (PEASE, 2007 [1968]) 78 páginas, e não foi atualizada desde 1968. Os maiores trabalhos são o dicionário de Parintintin (BETTS, 1981) e o dicionário Kawahiba (BETTS, 2012). Este dicionário tem por base pesquisas de longa duração entre os Parintintin e os Tenharim, e pesquisas de aproximadamente duas semanas cada entre os Karipuna, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa. Estudos menos expressivos são Betts (2008 [1969]; 1971) e Pease (1979/80). O Tenharim ainda apresenta uma análise rudimentar com base no modelo fonêmico de alguns sons e da nasalização (BORELLA, 1996, 1997, 1998, 1999). O dialeto Juma tem pesquisas iniciais por Abrahamson (1968) e Abrahamson e Abrahamson (1984).

Sobre os estudos dos dialetos Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa, um estudo de natureza preliminar foi elaborado por Pease e Betts (1991) e uma breve análise sob o aporte do modelo fonêmico para o Amondawa é apresentada por Netto (1993). Além da classificação interna de Kawahiba, Wany Sampaio tem trabalhado com um psicolinguista, Chris Sinha, e a sua esposa, Vera da Silva, em pesquisas interessantes que combinam Linguística, Psicologia e Antropologia (SAMPAIO, SINHA e DA SILVA 2004, 2009; SINHA, DA SILVA, ZINKEN e SAMPAIO, 2011). Sampaio, da Silva e Miorello (2004) contribuíram com uma coleção de mitos traduzidos Amondawa. Quase nenhum conhecimento se tem da língua talvez mais próxima a Kawahiba, o Apiaká. A última falante faleceu e os estudos da língua são poucos como, por exemplo, uma única dissertação (PADUA, 2007).

Produção bibliográfica sobre a língua (incluindo materiais didáticos)

AGUILAR, Ana Maria Gouveia Cavalcanti. Kawahíva como uma unidade linguística. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 9, n. 1, jul. 2017, p. 139-161.

ANASTASSIOY, Cristiane de Almeida. *Amondawa: uma análise sobre os marcadores territoriais linguísticos*. Dissertação. 110 f. Núcleo de Ciências Exatas e da Terra da Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho: 2013.

ABRAHAMSON, Arne; ABRAHAMSON, Joyce. Os Fonemas da Língua Júma. *Série Linguística Nº 11*: 157-174. 1984.

BETTS, La Vera D. *Dicionário Parintintin-Português/Português-Parintintim*. Cuiabá/MT: SIL, 1981. 231 pp.

BETTS, La Vera D. *Kagwahiva dictionary*. Anápolis/GO: SIL, 2012. 295 pp.

BETTS, La Vera D. *Parintintin discourse*. Anápolis/GO: SIL, 2008 [1969]. 79 pp.

BETTS, LaVera. 1971. The Parintintin world view. *Notes on Translation* 41. 16-21. Dallas: ILV: ILV

BORELLA, Cristina C. A nasalização em Tenharím. In: *Caderno de Resumos do XLVII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL)*. Bauru/SP: 1999.

BORELLA, Cristina C. Análise dos sons [n] [d], [nd] e [t] na língua Tenharím. In: *Caderno de Resumos do XLV Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL)*. Campinas/SP: 1997.

BORELLA, Cristina C. Análise fonêmica dos sons [n]. [g], [ng] e [k] na língua Tenharím. In: *Caderno de Resumos do XLVI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL)*. São José do Rio Preto/SP: 1998.

BORELLA, Cristina C. Análise fonêmica dos sons [p], [b], [mb], [m] na língua Tenharim. In: *Caderno de Resumos do XLIV Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL)*. Taubaté/SP: 1996.

CHOUSOU-POLYDOUN, Natalia; O'Hagan, Zachary; BARTOLOMEI, Keith, DONNELLY, Erin; MICHAEL, Lev. A bayesian phylogenetic classification of Tupí-Guaraní. *Liames*, Campinas/SP, n. 15, v. 2, jul./dez. 2015. p. 193-221. Disponível em: <file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/8642301-13827-1-PB.pdf>. Acessado em: 28 jun. 2017.

CHOUSOU-POLYDOUN, Natalia; O'Hagan, Zachary; BARTOLOMEI, Keith, DONNELLY, Erin; MICHAEL, Lev. An internal classification of Tupi-Guarani using computational phylogenetic methods. *Comunicação pessoal*. Amazonicas V, Belém, 28 de maio de 2014.

DENÓFRIO, João Paulo Marra. *Breve contribuição etnográfica sobre os Kagwahiva: o coletivo Piripkura*. Relatório de trabalho de campo resultante de consultoria antropológica realizada em 2011. FUNAI/CGIIRC/CTI: Brasília, 2012.

DA SILVA, Rebecca Louize. *A saga Karipuna: uma narrativa oral de experiência pessoal*. 180 p. Dissertação (Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia/UNIR). Porto Velho, 2013.

DENÓFRIO, João Paulo Marra. *La mort est dans la vie: contre-métamorphose et ascension kagwahiva*. 96 p. Dissertação (Mestrado em Etnologia e Antropologia Social - École des Hautes Études en Sciences Sociales). Paris/França, 2013.

ERIKSEN, Love; GALUCIO, Vilacy. The Tupian expansion. IN: O'CONNOR, Loreta; MUYSKEN, Pieter. *The Native Languages of South America: origins, development, typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 177-199.

GALUCIO, Vilacy; MEIRA, Sérgio; BIRCHALL, Joshua; MOORE, Denny; GABAS JÚNIOR, Nilson; DRUDE, Sebastian; STORTO, Luciana; PICANÇO, Gessiane; RODRIGUES, Carmem R. Genealogical relations and lexical distances within the Tupiana linguistic family. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 2, maio-ago 2015. p. 229-274.

HANKE, Wanda. Parintintin y boca negra con sus idiomas. *Kollasuyo: Revista de Estudios Bolivianos*, v. 70, p. 29-47. 1953.

JENSEN, Cheryl. Comparative Tupi-Guarani Morphosyntax. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*. V. 4. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 489-618.

JENSEN, Cheryl. The use of coreferential and reflexive markers in Tupi-Guarani languages. *Journal of Amazonian Languages*, v. 1, n. 2, p. 1-49. 1998

JENSEN, Cheryl. Tupi-Guarani. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 125-163.

LEMLE, Miriam. Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family. In: BENDOR-SAMUEL, David (ed.). *Tupi Studies I*. Glendale: Church Press Inc., 1971. p. 107-129.

LEONEL, Mauro. *Etnodiceia Ruéu-au-au*. Edusp: São Paulo, 1995. 224 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Librairie Plon, 1955. p. 379-439. ISBN: 2-266-02612-7.

LOUKOTKA, Čestmir. Documents et vocabulaire inédits de langues et de dialectes sud-américains. *Journal de la Société des Américanistes*, Tomo 52, 1963. p. 7-60.

MANSUR-GUÉRIOS, R. F. Novos rumos da tupinologia. *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes*, Curitiba, 1935, n. 1, v. 2. 12 p.

MEIRA, Sérgio; DRUDE, Sebastian. A summary reconstruction of proto-maweti-guarani segmental phonology. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 2, maio-ago 2015. p. 275-296.

MEIRELLES, Apoená; MEIRELLES, Denise Mald. Tribos extintas e migrações indígenas em Rondônia (do século XVII até os primeiros decênios do século XX). *Anuário de divulgação científica do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (Universidade Católica de Goiás)*, v. 10, 1981/1984. p. 134-146. ISSN: 0101-6954.

MELLO, Antônio A. S. Estudo histórico da família linguística Tupi-Guarani. Tese. 286 p. (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

MELLO, Antônio A. S. Evidências fonológicas e lexicais para o subagrupamento interno Tupi-Guarani. In: CABRAL, Ana Suely A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). Línguas Indígenas Brasileiras: fonologia, gramática e história. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará (EDUFPA), 2002. p. 338-342.

MERGERS, B. J.; EVANS, C. A reconstituição da pré-história amazônica: algumas considerações teóricas. Edição O Museu Goeldi no Ano do Sesquicentenário. Belém: Publicações Avulsas, n. 20, 1973. p. 51-69.

MÉTRAUX, Alfred. Migrations historiques des Tupi-Guarani. Journal de la Société des Américanistes, Paris, n. 19, 1927. p. 1-45.

NETTO, Waldemar F.; MORAES, Jorge M. Descrição fonológica preliminar da língua dos Uru Eu Wau Wau: subgrupo Mondáwa. Anais do GEL, 1993. 15 p. Disponível em: file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/DESCRICAÇÃO_FONOLOGICA_PRELIMINAR_DA_LINGU.pdf. Acessado em 19 jun. 2017.

NIMUENDAJÚ, Curt. Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local-files/biblio%3Animuendaju-1981-mapa/nimuendaju_1981_mapa.jpg. Acessado em: 23 jun. 2017.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os índios Parintintim do rio Madeira. Journal de la société des Américanistes, tomo 16, p. 201-278. 1924.

NIMUENDAJÚ, Curt. Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí, e Uaupés, março a julho de 1927. Apontamentos linguísticos. Journal de la Société des Américanistes, Tomo 44, 1955. p. 149-178.

NIMUENDAJÚ, Curt. The Cawahíb, Parintintin, and their neighbors. In: STEWARD, J. H (org.). Handbook of South American Indians I-VI, 3. 283-297. 1948.

NOELLI, Francisco S. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. Revista de Antropologia, v. 39, n. 2, p. 7-53. 1996.

PADUA, Alexandre Jorge. Dissertação. (Mestrado em Linguística) - Contribuição para a fonologia da língua Apiaká (Tupí-Guarani) - Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

PEASE, Helen. Parintintin grammar. Porto Velho/RO: SIL, 2007 [1968]. 78 pp.

PEASE, Helen. Repetições em Tenharim (Parintintín) narrativa. In Arquivos de anatomia e antropologia, vol. IV-V, 245-61, 1979/80.

PEASE, Helen; BETTS, La Vera D. Parintintin phonology. In: BENDOR-SAMUEL, David (ed.). Tupi Studies I. Glendale: Church Press Inc., 1971. p. 1-14.

PEASE, Helen; LA VERA, Betts. Anotações sobre a língua uru-eu-wau-wau. (Arquivo Linguístico). Brasília: SIL, 1991. 55p.

- PEGGION, Edmundo A. A classe dos nomes: a onomástica Amondáwa (Kagwahiva/RO). In: CABRAL, Ana S. A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (orgs.). *Línguas e culturas Tupi*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007. p. 123-130. ISBN: 978-85-99944-06-6.
- RIVET, Paul. *Langues Américaines: III Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles*. In: MEILLET, Antoine; COHEN, Mark (eds.). *Les langues du Monde*. Colection Linguistique. Paris: Societé de Linguistique de Paris, 1924. p. 639-717.
- RODRIGUES, A. D. Fonética histórica Tupi-Guarani: diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani. *Arquivos do Museu Paranaense, Curitiba*, n. 4, p. 333-354. 1945.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- RODRIGUES, Aryon D. A classificação do tronco linguístico Tupi. *Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1/2, p. 99-104. 1964.
- RODRIGUES, Aryon D. As consoantes do Proto-Tupi. In: CABRAL, Ana S. A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). *Línguas e culturas Tupi*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú; Brasília: LALI, 2007. p. 167-203.
- RODRIGUES, Aryon D. As vogais do Proto-Tupi. In: CABRAL, Ana S. A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). *Novos Estudos sobre Línguas Indígenas*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2005. p. 35-46.
- RODRIGUES, Aryon D. Classification of Tupi-Guarani. *Internation Journal of American Linguistics*, v. 24, n. 3., jul. 1958. p. 231-234.
- RODRIGUES, Aryon D. Relações internas na família Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia, São Paulo*, v. 27-28, p. 33-53. 1984/1985.
- RODRIGUES, Aryon D. Um aspecto da evolução fonética na família Tupi-Guarani. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 3, n. 2, dez. 2011. p. 131-135.
- RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. Tupian. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). *The Indigenous Languages of South America: a comprehensive guide*. Berlin; Boston: Mouton de Gruyter, 2012. 495-574.
- RODRIGUES, Aryon D. Tupi. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 107-124.
- SAMPAIO, Wany Bernardete A. The Tupi-Kawahiba languages: A Phylogenetic systematics based comparative study. Apresentação Powerpoint no website PowerShow.com. 2012 http://www.powershow.com/view1/1c20cbZDc1Z/Wany_Bernardete_de_Araujo_Sampaio_Centro_de_Estudos_da_Linguagem_Grupo_de_Estudos_em_Culturas_Educa_powerpoint_ppt_presentation.
- SAMPAIO, Wany Bernardete A. Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondava): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba. Dissertação. 103 p. (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.

SAMPAIO, Wany; DA SILVA, Vera; MIOTELLO, Valdemir. Mitos Amondawa. Porto Velho: Edufro, 2004. 50p.

SAMPAIO, Wany; SINHA, Chris; DA SILVA, Vera. Estudo descritivo/análítico dos eventos de movimento na língua uru-eu-wau-wau, dialeto Amondawa. Centre for Linguistic Research of Amazonia, Lingua Viva 2, 2004, p. 5-13.

SAMPAIO, Wany; SINHA, Chris; DA SILVA, Vera. Mixing and Mapping: Motion, Path and Manner in Amondawa. In Jiansheng Guo, Elena Lieven, Nancy Budwig, Susan Ervin-Tripp, Key Nakamura (orgs), Crosslinguistic Approaches to the study of language; Reasearch in the tradition of Dan Isaac Slobin. Londres e Nova Iorque: Psychology Press, 2009. p. 427-439.

SCHLEICHER, Charles O. Comparative and internal reconstruction of Proto-Tupi-Guarani. Tese. 372 p. (Doutorado em Linguística) - University of Wisconsin-Madison. Wisconsin, 1998.

SINHA, Chris; DA SILVA, Vera; ZINKEN, Jörg; SAMPAIO, Wany Bernardete A. When time is not space: the social and linguistic construction of time intervals and temporal event relations in an Amazonian Culture. Language and Cognition 3-1, 2011. p. 137-169.

STELLA, J. B. As línguas indígenas da América. Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo, São Paulo, n. 26, 1928. p. 5-172.

Produção em áudio e vídeo na língua

Não há material específico em áudio e vídeo sobre os Karipuna. Podemos mencionar, por outro lado, o seguinte fato: entre 2014 e 2015, o antropólogo João Paulo Marra Denófrío, por meio de um acordo entre o Museu do Índio/RJ, da FUNAI de Rondônia e a CGIIRC (Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recém-Contato) produziu um relatório antropológico a respeito da produção de uma coleção etnográfica do povo Amondawa. Esse material se encontra depositado nos departamentos correspondentes dos órgãos mencionados. Conforme o antropólogo, o trabalho conta também com entrevistas, fotos e vídeos referentes à produção desses artesanatos. Acreditamos que por se tratar de um povo Kawahiba, o material produzido pelo antropólogo em questão, que também já esteve na aldeia Panorama, dos Karipuna, possa ser útil quando se trata de Karipuna.

Produção em áudio e vídeo sobre língua

Remetemos o leitor ao parágrafo anterior.

Produção musical na língua

Não há

Produção na língua disponível na internet

Não há

Produção sobre a língua disponível na internet

Não há vídeos específicos sobre a língua dos Kawahiba Karipuna, mas há registros em vídeo disponíveis no *Youtube* com a gravação do primeiro contato com os Karipuna, no rio Jacy-Paraná. Os links para acessá-los seguem:

Parte 1: <https://www.youtube.com/watch?v=oy2Ru-nSV7k>;

Parte 2: <https://www.youtube.com/watch?v=KAqgpg0gdRg>.

7.2 Principais referências documentais

Selecionar e comentar as principais referências documentais **na** e **sobre** a língua

Referências	Comentários
SAMPAIO, Wany Bernardete A. <i>Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondawa): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba</i> . Dissertação. 103 p. (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.	O trabalho de Sampaio (1997) contempla a variedade falada pelos Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Parintintin e Tenharim. Trata-se de uma dissertação sobre o grau de similaridade entre essa variedade e aquelas dos povos Tenharim, Parintintin e Amondawa. Entre seus principais resultados, pode-se mencionar o fato de que autora estabelece que essas quatro variedades têm, no mínimo, inteligibilidade mútua de 80%.
SAMPAIO, Wany Bernadete A. <i>As línguas Tupi-Kawahib: um estudo sistemático filogenético</i> (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2012.	Embora saibamos da existência da referida tese, ela não se encontra disponível publicamente. Em visita à Biblioteca Central da Universidade Federal de Rondônia, campus Porto Velho, fomos informados de que o material só está disponível para consulta na biblioteca.
PEASE, Helen. <i>Parintintin grammar</i> . Porto Velho/RO: SIL, 2007 [1968]. 78 pp.	Embora se trate de uma análise sintática da variedade Parintintin, algumas das generalizações encontradas em Pease (2007 [1968]) podem ser aplicadas à variedade Karipuna.
BETTS, La Vera D. <i>Kagwahiva dictionary</i> . Anápolis/GO: SIL, 2012. 295 pp.	Do mesmo modo que a análise sintática de Pease (2007 [1968]) para o Parintintin, o dicionário de Betts (2012), embora apresente boa parte dos lexemas coletados pela autora com os Parintintin, pode ser utilizado como referência para a variedade Karipuna.

LEONEL, Mauro. Etnodicéia Uruéu-Uau-Uau. São Paulo: EDUSP/IAMA/FAPESP, 1995.	Embora não se trata de uma referência sobre a variedade Kawahiba dos Karipuna, Leonel (1995) é uma boa contribuição sobre as migrações de alguns dos Kawahiba que adentraram Rondônia.
--	--

Ver Arquivo *Referências Digitalizadas sobre Kawahiba*

7.3 Disponibilidade das produções documentais na comunidade

Comente sobre a disponibilidade e acesso dos documentos identificados pela comunidade linguística. A pergunta básica seria “a comunidade tem acesso a essa documentação?”


A comunidade não dispunha da literatura sobre os Kawahiba. Disponibilizamos ao povo e à escola todos os arquivos digitais que tínhamos até o momento sobre esses povos.





8. Pessoas de referência

Assim como os recursos documentais, identificar as pessoas de referência para as línguas é fundamental para se conhecer e subsidiar ações de valorização e promoção das línguas nas comunidades. Os inventários deverão identificar dois tipos principais de **pessoas de referência** para as línguas: falantes de referência e especialistas.

8.1 Principais falantes de referência

Identifique os principais falantes de referência da língua, como por exemplo, sabedores; professores falantes da língua; autores; cantores/músicos; intelectuais/acadêmicos/especialistas membros da comunidade, entre outros. Liste os nomes e contatos dos principais falantes de referência, e, se possível, caracterize esses falantes, ou seja, informe com maiores detalhes quem são essas pessoas, sua trajetória de vida e o que as torna falantes de referência para a língua. Neste espaço também cabem registros audiovisuais desses falantes, seja a partir da realização de entrevistas sobre diversos temas ou mesmo uma curta biografia de suas vidas contada por eles mesmos.

Lista de nomes/contatos	Caracterização das pessoas	Anexar/ Fazer upload entrevistas/retratos com falantes de referência no acervo digital
Katika Karipuna	Anciã Karipuna, casada com um indígena Uru-Eu-Wau-Wau que também mora na aldeia Panorama, dos Karipuna.	 <p>Imagem 36</p>

<p>Aripã Karipuna</p>	<p>Ancião Karipuna, casado com uma indígena Piripkura, povo também Kawahib, que reside principalmente na aldeia dos Karipuna.</p>	 <p>Imagem 37</p>
<p>Batiti Karipuna</p>	<p>Professor e cacique da aldeia Panorama, dos Karipuna de Rondônia.</p>	 <p>Imagem 38</p>
<p>André Karipuna</p>	<p>Filho de Katika Karipuna. Também é o falante mais jovem da língua.</p>	 <p>Imagem 39</p>
<p>Adriano Karipuna</p>	<p>Filho mais velho de Katika Karipuna. Mora em Porto Velho.</p>	 <p>Imagem 40</p>

8.2 Especialistas e demais pessoas envolvidas em pesquisa e ações

Identificação de especialistas (linguistas, antropólogos, educadores) e outras pessoas envolvidas em pesquisas e demais ações de valorização e promoção da língua. Os especialistas podem ser identificados entre pessoas de dentro ou de fora da comunidade. Devem ser identificados seus nomes, seus contatos (inclusive instituição a que pertencem) e uma lista sumária de atividades que realizam.

Nome	Contatos	É membro da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
Osmar Marcoli	[telefone anonimizado]	<input checked="" type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim	Levantamento lexical com os povos Kawahiba
Wesley Nascimento dos Santos	[telefone anonimizado] [telefone anonimizado]	<input checked="" type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim	Documentação linguística e levantamento sociolinguístico

9. Instituições

9.1 Escola

A seguir, são propostas duas questões básicas para se avaliar a relação entre escola e língua: **língua como disciplina e língua de instrução**.

- Professores e materiais didáticos
Selecione as opções que se aplicam à língua de referência

Há professores que falam a língua de referência?

não. Obs.: há um único professor na Escola Estadual do Ensino Fundamental Pin-Karipuna e que é indígena. Apesar de o professor ser indígena, suas aulas não contemplam a língua ou a cultura dos Karipuna, pois não há uma disciplina dedicada a essas questões.
 sim, todos ou a grande maioria
 sim, mas há muitos professores que não falam a língua

Há materiais didáticos na e sobre a língua de referência?

sim, em boa quantidade e/ou qualidade
 sim, mas existem ainda muito poucos e/ou de baixa qualidade
 não

Observações: não há material didático na língua

- Informações sobre escolas na comunidade de referência
Neste item, sugere-se o fornecimento de informações sobre todas as escolas situadas na comunidade de referência. As informações básicas são: *nome da escola*, *localização* da escola entre as localidades de ocorrência da língua, níveis escolares contemplados, se a escola tem programas especiais como *intercultural*, *bílingue* ou "*diferenciado*". Em seguida, pede-se que os proponentes dos inventários forneçam informações sobre em que língua ocorre a **alfabetização**, qual(is) a(s) língua(s) de **instrução** na escola, ou seja, qual a língua usada para se ensinar as diferentes disciplinas escolares, e se a língua de referência consta como uma **disciplina** escolar. Além de identificar se esse é o caso, deve-se indicar o nome da disciplina no currículo escolar, indicar para quais anos/séries a disciplina é oferecida e em qual/quais escola(s) e localidade(s) ela é ensinada, além de apresentar uma breve descrição sobre o que trata essa

disciplina. Sugere-se utilizar o quadro de observações para inclusão de demais considerações pertinentes (consultar Parte 2, seção 9.3, para mais orientações questões relativas à educação escolar).

Utilize uma tabela como esta para cada escola

Nome da Escola	Escola Estadual de Ensino Fundamental Pin-Karipuna
Local	Aldeia Panorama – Terra Indígena Karipuna
Níveis contemplados	<input type="checkbox"/> Ensino Infantil <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	<input type="checkbox"/> Sim. Explique: <input checked="" type="checkbox"/> Não. Obs.: A escola não oferece uma disciplina na língua e/ou sobre a cultura e língua.
Língua de Alfabetização	<input checked="" type="checkbox"/> Português <input type="checkbox"/> Língua de Referência <input type="checkbox"/> Outra. Explique:
Língua de Instrução	<input type="checkbox"/> A língua de referência é usada na instrução escolar <input checked="" type="checkbox"/> O Português é a única língua usada na instrução escolar
Língua como disciplina	<input checked="" type="checkbox"/> A língua de referência não é uma disciplina escolar <input type="checkbox"/> O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) <input type="checkbox"/> A língua de referência é uma disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	A partir do 1º ano do primeiro ciclo do ensino fundamental
Até que ano escolar?	Até o 5º ano, ou seja, durante primeiro ciclo do ensino fundamental
Com que regularidade/frequência no ano escolar	Há aulas em todos os dias da semana. No entanto, estas não são sobre a cultura, nem a língua dos Karipuna, pois não há uma disciplina que contemple essas questões.
Breve descrição do que trata a disciplina	Não há alguma disciplina que trate da cultura Karipuna.
Observações	

- Contexto escolar. Identificar se a situação atual das escolas está:
Classifique numa escala se a situação das escolas é favorável, indiferente ou desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola. A isso, segue-se um campo de justificativa: forneça outros detalhes não mencionados ainda e caracterize de modo geral a situação escolar.

<input type="checkbox"/> Favorável à promoção do uso da língua de referência na escola
<input type="checkbox"/> Indiferente à promoção do uso da língua de referência na escola
<input checked="" type="checkbox"/> Desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola
Justificativa e caracterização (se houver) das situações desfavoráveis para a promoção da língua no contexto escolar: A língua de instrução é somente o Português. Não há disciplina dedicada à cultura, nem à língua dos Karipuna.

9.2 Demais serviços públicos

Identificar quais são os serviços públicos que são oferecidos na língua. Marque quantas opções forem necessárias.

<input type="checkbox"/> Saúde	Observações:
<input type="checkbox"/> Prefeitura	Observações:
<input type="checkbox"/> Outros	Observações:

9.3 Outras Instituições

Identificar se há e quais são as instituições que atuam no território da língua e se suas atividades apoiam o uso da língua de referência, quais são e de que maneira o fazem. Enfatizar os tipos de instituições que são vetores para a promoção da língua de referência. Identifique o tipo de organização, se ela é de dentro ou de fora da comunidade, e quais tipos de atividades ligadas à promoção da língua elas promovem.

	Identificação (nome e endereço)	Procedência	Atividades realizadas	Observações
Associações Representantes	Associação do Povo Indígena Karipuna Abytucu Apoika	<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input checked="" type="checkbox"/> de dentro da comunidade	1. representar o povo Karipuna; 2. Responsável pelas demandas sociais e políticas da comunidade frente a sociedade nacional	
Organização governamentais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input checked="" type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Organismos internacionais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
ONGs nacionais	CIMI (Conselho Missionário Indigenista)	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Proteção contra invasores de terra e assistência social	
ONGs internacionais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Religiosas/missionárias		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Grupos/Coletivos de cultura		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Outros:		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		

9.4 Organizações que ameaçam a língua e a cultura da comunidade linguística

Indicar se há, quais são e o que fazem organizações que – na opinião deste dos proponentes do inventário – possam ser um fator de ameaça para a língua e para a cultura da comunidade.

Instituição	O que tem sido desenvolvido	Consequências
Grileiros	Grilagem de terra	Loteamento na T.I dos Karipuna
Madeireiros da região de Bandeirantes e Buriti/RO	Extração ilegal de madeira da T.I Karipuna	Derrubada de mata virgem da T.I dos Karipuna e ameaça constante aos indígenas, a sua tranquilidade e sobrevivência.

Módulo 5

Diagnóstico Sociolinguístico¹

Este módulo contém questões relativas à língua de referência e à comunidade linguística que se mesclam, de modo a caracterizar a língua em relação ao contexto sociolinguístico mais amplo da comunidade. Muitas das questões a serem discutidas envolvem técnicas de recenseamento linguístico ou, de modo mais geral, o que chamamos de levantamento demográfico.

1. Falantes²

Nesta seção são apresentados resultados ou estimativas da quantidade de falantes da língua de referência e de outras línguas, contando com uma breve caracterização dessas situações de contato entre línguas em nível individual: quantidade de sujeitos monolíngues (falantes de apenas uma língua, sendo essa a língua de referência ou outras), bilíngues (falantes de duas línguas) e plurilíngues (falantes de três ou mais línguas).

1.1 Número de falantes da língua de referência

Preencha o quadro a seguir com as informações requeridas sobre a quantidade de falantes das línguas de referência (em números absolutos). Quando a comunidade de referência for um recorte da comunidade linguística, preencher também a terceira coluna à direita (consultar orientações específicas sobre proficiência e definições de falantes na Parte 2, seção 2, deste Guia).

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	5	10

¹ Este módulo contém várias questões que devem ser respondidas somente por inventários amplos, pois requerem aplicação extensiva e intensiva de técnicas de pesquisa como o *levantamento demográfico*.

² O Volume I traz as definições sobre os tipos de falantes e a Parte 2, seção 2, deste volume traz instruções para a definição de proficiência linguística e sua correspondência aos tipos de falantes.

<i>Número de falantes parciais</i>	0	0
<i>Número de não-falantes</i>	6	19

1.2 Estimativa de indivíduos monolíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes monolíngues, considerando as línguas faladas dentro da comunidade. Crie novas linhas para inserir novas línguas. Utilize o campo de observações para complementar as informações, bem como para discutir e/ou justificar as quantidades indicadas.

- Qual a estimativa de falantes monolíngues?

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	0	0
<i>Em português</i>	18	18
<i>Nas demais línguas faladas no território</i>	0	0

Observações:

1.3 Estimativa de indivíduos bilíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes bilíngues na comunidade pesquisada em relação a cada uma das possibilidades indicadas a seguir (língua de referência + português e/ou língua de referência + outra língua que não o português). Utilize o quadro de observações para incluir informações adicionais e/ou para justificar/discutir as estimativas apresentadas.

- Entre os falantes da língua de referência...

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)

Quantos também falam português?	10	10
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	1. O indígena Karipuna que mora com os Arara, povo também Tupi, fala a língua Arara, segundo os Karipuna Batiti e André.	1

Observações:

1.4 Caracterização de situações de plurilinguismo

Responda às questões a respeito de indivíduos plurilíngues nos campos a seguir.

- Quantos são os indivíduos na comunidade que falam três ou mais línguas?

Utilize números absolutos para apresentar a estimativa.

Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
0	0

- Quais são as línguas mais comuns faladas por indivíduos que dominam mais de duas línguas? Indique as combinações de línguas em indivíduos plurilíngues mais frequentemente identificadas na comunidade.

Informamos, acima, que há um indígena que mora numa aldeia Arara, povo Tupi que vive em Rondônia, e que também fala a língua dos Arara, além do Português e do Kawahiba dos Karipuna.

2. Aquisição

Aquisição é um tema que se desdobra em duas questões. A primeira diz respeito a que línguas são adquiridas como primeira ou segunda língua na comunidade. Apresente-as hierarquicamente e, se necessário, indique mais de uma língua na mesma posição. A segunda questão diz respeito às formas de aquisição da segunda língua pelos membros da comunidade (consultar a Parte 2, seção 6.2, para obter maiores informações).

- Qual língua é mais comumente aprendida como **primeira língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1: Português
Língua 2
Língua 3

- Qual língua é mais comumente aprendida como **segunda língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1:
Língua 2
Língua 3
Obs.: a língua Kawahiba dos Karipuna não está sendo transmitida para as crianças. Encontra-se interrompida, e, portanto, não há uma segunda língua sendo aprendida pelas crianças.

- Para as línguas adquiridas como segunda língua, indique:

Preencha com as informações requeridas quanto à aquisição da segunda língua:

- identifique a língua por meio da sua denominação;
- informe em que fase da vida ocorre a aquisição dela (por exemplo, na infância, na idade escolar, na fase adulta, etc.); e
- em que situações sociais (onde e com quem) a língua é geralmente adquirida (em casa com os pais, nas ruas com amigos, na escola, etc.).
Crie, se necessário, novas tabelas para incluir mais línguas.

Língua:	Português
Em que fase da vida dos indivíduos a língua é adquirida?	Infância
Em que contextos sociais ela está sendo adquirida?	Aldeia indígena

- Há diferenças notáveis entre a aquisição da língua de referência em diferentes localidades investigadas?

No quadro abaixo identifique as localidades e em que elas se diferenciam.

Há somente um lugar em que a língua de referência é falada por uma comunidade linguística. Os demais indígenas que falam a língua e não moram na aldeia não a utilizam no ambiente em que se encontram.

3. Transmissão da língua de referência

Esta seção contém duas entradas distintas de dados: na primeira, são requeridos os números absolutos e o percentual de falantes fluentes, parciais e não falantes em cinco faixas etárias. A segunda questão é focada na transmissão da língua de referência para a qual cada inventário indicará o grau correspondente dentre aqueles apresentados, além de uma breve justificativa para a seleção do grau (no quadro observações).

3.1 Taxa de transmissão

Com base em seu levantamento demográfico, indique os tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem. Na seção 5.5 do volume 1 trazemos algumas sugestões caso a identificação da idade dos indivíduos seja um problema para certos inventários.

	Falantes Fluents [1]		Falantes com proficiência parcial [2]		Não falantes [3]	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Infância 0-12	0	0	0	0	13	44,82%
Juventude 13-25	2	6,89%	0	0	6	20,68%
Adulta I 26-40	2	6,89%	0	0	0	0
Adulta II 41-60	4	13,79%	0	0	0	0
Idoso +60	2	6,89%	0	0	0	0
	10	34,46%			19	65,5%

3.2 Grau de transmissão da língua

Indique o grau de transmissão da língua marcando a opção adequada. Propomos quatro níveis para a transmissão da língua, definidos da seguinte maneira: i) **estável**; ii) **em crise**; iii) **em retomada de crescimento**; iv) **interrompida**. Utilize o quadro de observações para outras considerações bem como para a discussão/ análise do grau selecionado (consultar Parte 2, seção 6.2, para mais orientações sobre os níveis).

<input type="checkbox"/> Estável
<input type="checkbox"/> Em crise
<input type="checkbox"/> Em retomada de crescimento
<input checked="" type="checkbox"/> Interrompido

Observações:

4. Escrita e Leitura

4.1 Situação de grafias na língua

4.1.1 Identificar a existência de grafias

Identificar se a língua está atualmente sem grafia, se possui uma grafia ou se possui múltiplos modelos de grafias (e quantas).

sem grafias (ágrafa)
 com *uma* grafia
 com múltiplos modelos de grafias. Quantas? ___

Obs.: A grafia contém várias inconsistências. O quadro abaixo coteja algumas palavras escritas por três (3) dos quatro (4) alfabetizados na língua.

4.1.2 Caracterizar as grafias existentes

Deve-se produzir um diagnóstico sumário com base nas respostas às questões da tabela abaixo. Se houver mais de uma grafia, identifique cada uma com uma denominação única. Para cada grafia, utilize uma linha diferente da tabela.

Denominação da grafia	Não há
Quem elaborou? Quando? Com que propósito?	Produzida por Ana Suely Arruda Câmara Cabral, linguista da UnB (Universidade de Brasília).
Está sendo usada na alfabetização? Quem ensina? Onde?	Não. Como já mencionamos, não há disciplina sequer sobre a cultura dos Karipuna.
Quem a usa atualmente na comunidade?	Ninguém
É relevante para que tipos de produtos escritos?	A grafia não é utilizada pelos indígenas.

4.1.3 Contrastar as grafias existentes

Utilize o quadro abaixo para contrastar as diferentes grafias, tanto sob um ponto de vista sobre o sistema de representação gráfica da língua, quanto eventuais problemas e demais diferenças entre elas.

Português	Informante 1	Informante 2	Informante 3
ovo	upιά	upiar	opιά
caminho	-	peá	pehea
tabaco	-	-	tataty'ingã
cabo de machado	-	jyár	dyarety mankağã
dançar	ódiracu	ojyroky	ojyroky
assado	era	ojyp	eryripyra
velho	tamoi	jymyã	tyabaea
ruim	-	ynbebor	itebaruhu
favo de mel	-	tyapira	-
gato	-	barakaiaia	barakai'ia
carrapato	iatebuga	jatebuba	yatebuga
cobra	boiá	boija	boya
formiguinhas	-	-	-
peixes	pira	pira	pirá
dente	ranha	rainha	aeranhã
tronco de árvore	-	ybypyuera	ywairanwyrá
gavião	quandua	guandua	kwandua
amanhã	coemame	koemamem	koemãme
arraia	-	jabewyra	yabewyra
veado	-	yuhua	yhua
terreiro	-	okará	-
podre	inemarí	inemahi	-
madeira para flecha	-	-	ywa uwywa'pe
remo	-	-	-
passarinho	-	wyrai'a	wyra'ai
a casa do meu pai	-	jyrubaga wyra	jyrubaga wyra
apagar	-	ebower	ebowe
escuro	upuna	ipytuna	ypytuna

macaxeira	-	mandyoga	mãnjy'oga
rabo do jacaré	-	-	yakarea wa'ya
a onça matou a queixada	-	jawara ojukar tajahua	yawara ojoyoka taiahua
pedra	ita	ita	ita

4.2 Textos escritos produzidos pela comunidade

Neste tópico estão contemplados diagnósticos sobre os tipos de textos produzidos na comunidade linguística, focando na língua de referência e no Português.

As pessoas da comunidade costumam escrever na sua própria língua?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Quais tipos de textos?	
Há quanto tempo existe o uso da escrita na língua de referência pela comunidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Há menos de 25 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 25 anos e menos de 75 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 75 anos
Pode-se dizer que existe uma tradição de textos escritos em diferentes gêneros discursivos na comunidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Comente a questão anterior se sua resposta for "sim":	

As pessoas da comunidade costumam escrever em português?	<input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim
Quais tipos de textos?	Geralmente são as crianças que escrevem em Português, quando estão na escola. Portanto, seus textos dizem respeito a gêneros escolares.

Comente sobre as principais diferenças entre a prática de escrita e leitura na língua portuguesa e na língua de referência da comunidade

<p>A prática de leitura e escrita na língua de referência é inexistente, dado que não há disciplina que oportunize às crianças o aprendizado da sua própria escrita. Somente quatro Karipuna sabem escrever e ler em sua língua. A maioria não sabe escrever ou ler em Português. A exceção são os quatro que também escrevem e leem na sua própria língua.</p>

4.3 Paisagem linguística

Na tabela abaixo, responda a questão de múltipla escolha com relação à paisagem linguística nas localidades onde vivem seus falantes, ou seja, como se dá a presença de textos escritos expostos de forma visível e acessível nos principais ambientes de circulação pública na comunidade.

Quais são os principais tipos de textos escritos que costumam estar expostos na paisagem linguística das localidades de ocorrência da língua de referência	<input type="checkbox"/> Cartazes, faixas, <i>banners</i> e cartolinas <input type="checkbox"/> Letreiros em estabelecimentos públicos <input type="checkbox"/> Letreiros em estabelecimentos comerciais e privados <input type="checkbox"/> Placas de trânsito, de turismo ou outras formas de sinalização em vias de circulação pública <input type="checkbox"/> Inscricões em cemitérios, muros, edifícios, paredes, rochas, árvores, etc. <input type="checkbox"/> Outros. Explique: <input checked="" type="checkbox"/> Nenhum (não há textos escritos na língua de referência expostos publicamente)
--	--

Anexar / Fazer upload de arquivos no acervo digital referentes à documentação da paisagem linguística

4.4 Proficiência em escrita e leitura

Nas tabelas a seguir, indique a quantidade de indivíduos com relação às habilidades de leitura e escrita na língua de referência (a) e em Português (b). Assumimos três níveis de proficiência: pleno, parcial e nulo. Leitura e escrita devem ser avaliadas separadamente (consultar Parte 2, seção 2, para mais orientações sobre proficiência em escrita e leitura).

▪ Língua de referência

Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística
Pleno	7	24,13%	7	24,13%
Parcial	3	10,34%	3	10,34%
Nulo	19	65,51%	19	65,51%
Observações				

▪ Português

Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística
Pleno	16	55,17%	17	58,62
Parcial	4	13,79%	3	10,34%
Nulo	9	31,03%	9	31,03%
Observações				

5. Situações de usos³

5.1 Língua mais frequente

- Qual língua é usada com mais frequência nas situações cotidianas na comunidade?

Marque mais de uma se necessário. Crie uma hierarquia no caso de mais de uma língua: comece com a mais frequente e termine com a menos frequente. Este item pode ser respondido com base em um levantamento demográfico ou por conhecimentos gerais de pessoas-chave e observação etnográfica.

Língua 1: Português
Língua 2: Kawahiba dos Karipuna
Língua 3

5.2 Situações comunicativas

Discuta as diferentes situações comunicativas cotidianas na comunidade linguística tomando como base os seguintes pontos:

- Qual língua é usada em cada situação
- Qual o Âmbito/Local onde cada situação ocorre
- Quais são os interlocutores (como quem se fala) em cada situação
- Qual o meio de cada situação: Meio Oral/Sinal; Meio Escrito; Meio eletrônico (computador, internet, redes sociais, celular, etc.)

³ Conferir Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esse tema.

Durante os sete (7) dias em que estive com os Karipuna de Rondônia, pude ver que a língua com a qual mais interagem é o Português. A comunicação em Kawahiba dos Karipuna fica restrita aos mais velhos, Katika e Aripã. Em alguns poucos momentos, Batiti e André dialogavam com os primeiros na sua língua. Entre si, Batiti e André sempre conversavam em Português.

As crianças não entendem palavras isoladas da língua ou uma conversa simples que se passe em Kawahiba dos Karipuna. Neste caso, não se enquadram sequer como bilíngues passivos.

Tive a oportunidade de ser hospedado por um Karipuna, que é um dos 10 falantes, e que mora em Porto Velho. Ao telefone ou rádio da CASAI, quando conversava com Batiti ou André, o diálogo era sempre em Português.

Aripã e Katika geralmente conversam na casa de Katika. O único vídeo para o acervo de usos sociais da língua foi gravado exatamente entre esses dois, quando numa manhã, ao tomar café, Aripã narrava a história do mítico Kandabuhua. O pouco uso da língua Kawahiba dos Karipuna na atualidade refletiu na dificuldade de se obter vídeos dos usos dinâmicos dessa língua.

A modalidade de uso da língua é somente oral. Mesmo os alfabetizados, quando se comunicam por suportes eletrônicos, isso não se dá na língua.

Ademais, como as crianças não sabem a língua, os avós ou pais não esboçam a comunicação por meio dela.

Ver Arquivo Intitulado *INDL-KUQ-UsodaLingua*

5.3 Dinâmica dos usos da língua de referência:

Para esta questão, classifique a situação dos usos da língua de referência numa escala conforme as definições a seguir, escolhendo a mais apropriada. Em seguida, no campo “Justificativa e detalhes”, preencha com breves informações sobre a escolha do grau, além de outras considerações e análises pertinentes ao tema (consultar Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática).

Identifique como está a situação dos usos da língua de referência a partir de um dos níveis abaixo:

[4] Uso em expansão
[3] Uso estável
[2] Uso em retração [x]
[1] Uso restrito
[0] Uso interrompido

Justificativa e detalhes:

A língua Kawahiba dos Karipuna se encontra com seu uso em retração. Isso porque o uso dessa língua se limita a situações esporádicas de encontros dos mais velhos. Pessoas de 40 anos não dialogam na língua com os falantes mais jovens, que têm 24.

Além disso, nenhum indivíduo Karipuna com até 23 anos sabe a língua, ou sequer seja bilíngue passivo. A maioria dos Karipuna está na zona urbana, na capital Porto Velho, e não há expectativa de que volte à aldeia.

➤ **Crie um quadro adicional para o português ou outra língua comunidade caso seja necessário**

5.4. Usos linguísticos especiais da língua de referência⁴

5.4.1 Identificação dos usos especiais

Identifique os tipos de usos especiais da língua de referência, ou seja, aqueles marcados por um valor cultural especial, destacados dos demais usos cotidianos na língua devido ao fato de ocorrerem em domínios sociais especiais e implicarem em uma manipulação dos repertórios linguísticos de forma diferenciada (tipos de cantos, tipos de narrativas, tipos de diálogos cerimoniais, etc. Consulte a seção 6). Faça a identificação baseada na autoidentificação da comunidade. Indique o nome (crie um se necessário), faça uma breve descrição das características formais e dos conteúdos expressos por esse tipo de uso e o domínio social no qual ocorre (onde/quando), como por exemplo, em festas tradicionais, no ambiente privado ou público, entre outros

Nome ou outra forma de identificação dos usos linguísticos especiais	Breve descrição das características formais e dos conteúdos de cada uso	Situações sociais onde tendem a ocorrer e pessoas que dominam essa forma de uso linguístico	<i>Anexar / Fazer upload arquivos no acervo</i>
-	-	-	

5.4.2 Caracterização da situação atual dos usos linguísticos especiais

Responda as questões a seguir para cada uso especial da língua identificado na questão anterior.

Uso linguístico especial	Qual a proporção de indivíduos que conhecem atualmente esse tipo de uso?	Qual a frequência relativa que as pessoas praticam esse tipo de uso linguístico?	Como está a transmissão desse tipo de uso linguístico?
Ninguém sabe se houve algum uso linguístico especial da língua pelos pajés, por exemplo.	<input type="checkbox"/> Muitas pessoas <input type="checkbox"/> Poucas pessoas <input checked="" type="checkbox"/> Ninguém	<input type="checkbox"/> Menos do que antigamente <input type="checkbox"/> Mais do que antigamente	<input type="checkbox"/> Não há pessoas aprendendo <input type="checkbox"/> Há um número decrescente de pessoas aprendendo

⁴ Consultar Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática.

			<input type="checkbox"/> Há um número crescente de pessoas aprendendo
--	--	--	---

Utilize a tabela abaixo para esclarecer a situação atual dos usos linguísticos especiais

--

6. Atitudes linguísticas da comunidade

Nesta seção estão explícitas duas questões sobre atitudes linguísticas dos falantes frente à língua de referência, mas vale lembrar que tais questões estão dispersas por todo o formulário, já que essa é a natureza do tema. Nos dois itens a seguir, espera-se que seja apresentado e discutido como as línguas funcionam (ou não) como referência cultural, como elemento de distinção e marcador de identidade(s) dos grupos (consultar Parte 2, seção 7, para maiores orientações sobre esse tema).

6.1 Grau de atitudes dos falantes com relação à língua de referência

Selecione a opção mais adequada, conforme as categorias propostas. Utilize o quadro de observações para problematizar a escolha e apresentar outros detalhes acerca do tema.

<input type="checkbox"/> Extremamente Positiva	A comunidade tem a língua como um importante valor sociocultural e procura se organizar para garantir o fortalecimento e a expansão dos usos sociais da língua
<input checked="" type="checkbox"/> Positiva	A comunidade tem a língua como um valor sociocultural e gostaria de vê-la sendo transmitida para as novas gerações
<input type="checkbox"/> Indiferente	A língua não é uma questão importante para a comunidade
<input type="checkbox"/> Negativa	A comunidade não tem a língua como um valor cultural, e, em geral, é contra iniciativas para apoiar a transmissão da língua na comunidade
<input type="checkbox"/> Cindida	A comunidade encontra-se dividida: uma parte da comunidade tem uma visão positiva e outra uma visão negativa ou indiferente da língua
Observações:	

6.2 Atitude em relação às demais línguas

Caracterize em um texto analítico sucinto a atitude da comunidade linguística sobre as outras línguas faladas em seu território, incluindo o português (caso essa língua seja falada). Mencione, quando possível, exemplos de situações de contato linguístico, como empréstimos, diglossias, *code-switching*, entre outros.

Não parece haver nenhuma atitude negativa ou positiva em relação ao Português.

Deve-se notar que tudo que entrou na cultura dos Karipuna recentemente, como escola, livro, carro, moto etc. são nominalizações ou derivações. Neste caso, palavras como “meias” são obtidas via processo de nominalização cujo resultado é “aquilo que cobre os pés”.

Essas palavras, que se caracterizam como neologismos, provavelmente foram criadas na língua quando do contato com a sociedade não indígena, quando nenhum Karipuna falava Português, e por isso se mantiveram como decalques, e não empréstimos de fato.

Ademais, apesar dos velhos apresentarem um registro mais formal, segundo os jovens, não há um contexto de diglossia na comunidade.

7. Síntese

7.1 Língua dominante no território da língua de referência

Nesse momento, qual ou quais língua(s) a pesquisa identifica como dominante para a vida cotidiana e valores culturais na comunidade, incluindo os fatores consideradas nesse diagnóstico (aquisição, transmissão, usos, atitudes)? É possível estabelecer uma hierarquia entre as línguas nesse sentido?

Essa questão é uma síntese de todo o item “usos linguísticos”. Para responder essa questão sugerimos que a relevância social da língua seja avaliada com base nos seguintes critérios: 1) **Demografia**; 2) **Aquisição**; 3) **Domínios sociais**; 4) **Valor cultural**. Conferir Parte II, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática.

Língua 1	Português
Língua 2	
Língua 3	

Justificativa:

O Português é sem dúvida a língua dominante hoje na única aldeia Karipuna, a Panorama. Como vimos, há somente 10 falantes, e cinco (5) destes não moram na aldeia. Na aldeia, portanto, há 11 indivíduos, e deste seis (6) não falam a língua.

7.2 Panorama das línguas em contato

No campo abaixo, apresente uma breve análise e discussão de como diferentes línguas coexistem na área de abrangência da pesquisa. Utilize como guia as questões abaixo, além de outras consideradas pertinentes.

- Há uma quantidade considerável de indivíduos bilíngues ou plurilíngues?
- As famílias nucleares e as comunidades tendem a ser multilíngues?
- Existe(m) língua(s) francas para a comunicação entre os grupos?
- Como as diferentes línguas circulam nos espaços de convivência social na região?
- Há línguas que estão em risco devido ao aumento no uso de outras línguas?
- Há elementos linguísticos e/ou comportamentos verbais recorrentes entre as línguas? Quais?

- Há uma quantidade considerável de indivíduos bilíngues ou plurilíngues?

Há 10 falantes bilíngues em Português e Kawahiba dos Karipuna. Um único falante Karipuna, que vive com o povo Arara, também fala a língua desse povo, bem como o Português.

Módulo 6

Avaliação da vitalidade linguística, revitalização e promoção

Este módulo do formulário consolida o diagnóstico da vitalidade linguística e das ações existentes e futuras de valorização e promoção da língua.

1. Ações de revitalização e promoção

Nos campos a seguir, identifique e caracterize ações de valorização e promoção da língua de referência já existentes e outras indicadas pela comunidade como demandas (consultar Parte 2, seção 9, para maiores orientações sobre o tema).

1.1 Identificação e caracterização de ações de revitalização e promoção

- Identifique e caracterize as principais ações de valorização e promoção que a língua possui atualmente

No quadro a seguir, utilizando quantas linhas forem necessárias, identifique as ações de valorização ou promoção nas quais a língua esteja envolvida atualmente ou que tenham ocorrido recentemente. Para tal, denomine a ação (como encontro de falantes; oficinas para elaboração de material didático; etc); os atores envolvidos, ou seja, quem participa dessas ações, como professores; agentes de saúde; etc; as atividades desempenhadas e demais observações pertinentes a essas ações.

Denominação da ação	Atores envolvidos	Atividades desempenhadas	Observações
Projeto Açaí: formação de professor indígena em nível de magistério	Projeto Açaí e Batiti Karipuna	Formação em magistério para atuar na aldeia	Embora o indígena tenha finalizado o seu curso, não se verificou uma formação continuada para atualização do professor. Além disso, ressaltamos que o indígena foi efetivado como concursado pela Secretaria Estadual local, no entanto, sua função não é para atuar como professor da língua materna.

1.2 Propostas da comunidade para a salvaguarda da língua

- Identifique, em quantas linhas forem necessárias, as propostas da comunidade para a salvaguarda da língua, explicitando para cada uma delas a sua justificativa, seu nível relativo de prioridade em relação às demais demandas, as ações necessárias esperadas, os atores potenciais (quem seria mobilizado para tal iniciativa), as pessoas ou instituições a quem devem ser encaminhadas as demandas e demais observações pertinentes.

Propostas	Justificativa	Prioridade	Ações necessárias	Pessoas ou instituições a serem encaminhadas as demandas	Observações
Assessoria para resolver problemas de ortografia		<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Assessoria para montar um programa de revitalização da língua		<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Documentação digital da língua e cultura verbal por meio de gravações de áudio e de vídeo, com cópias para o uso da comunidade		<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Treinamento em documentação digital		<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Aquisição de equipamentos para gravação e edição de áudio e vídeo (somente onde já existe treinamento suficiente)		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Documentação escrita da língua, dicionários, coletâneas de histórias, etc		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Correção de materiais didáticos existentes e aumento da sua quantidade		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Confecção de mais matérias didáticos na língua		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Uso da língua como meio de instrução (na medida possível)		<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			

Ensino da língua como disciplina na escola (se não já existe)		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Ensino de conhecimentos tradicionais na escola		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Apoio para festas e outras práticas tradicionais que usam a língua		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Reconhecimento de língua como referência cultural		<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Oficialização da língua		<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Proteção contra pessoas ou organizações que se oponham a cultura verbal tradicional (por exemplo festas tradicionais, pajelança)		<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			

2. Vitalidade linguística

A classificação das línguas na escala de vitalidade linguística deve seguir três passos básicos: 1. A determinação do índice de GRAU DE TRANSMISSÃO e DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA, critérios respectivamente primário e secundário; 2. A percepção da relevância dos critérios adicionais; 3. A indução do grau de vitalidade da língua com base numa interpretação dos critérios acima, bem como de demais fatores diagnosticados que possam ajudar a traçar um quadro prospectivo do futuro da língua. A combinação dos critérios primário e secundário definem a priori certas possibilidades de classificação das línguas, mas não são critérios absolutos. Conforme se vê na tabela a seguir, alguns graus são idênticos com relação aos critérios primário e secundário. Cabe às equipes executoras dos inventários interpretar os critérios adicionais para decidir o grau (mais ou menos) preciso em que a língua se encontra (consultar Parte 2, seção 10, para maiores orientações sobre os níveis e critérios de classificação das línguas).

2.1 Grau de vitalidade da língua

Selecione a alternativa adequada para aferir o grau de vitalidade da língua de referência. Utilize a tabela a seguir para essa seleção.

<input type="checkbox"/> 6 Forte
<input type="checkbox"/> 5 Vulnerável
<input type="checkbox"/> 4 Ameaçada
<input type="checkbox"/> 3 Severamente Ameaçada
<input checked="" type="checkbox"/> 2 Desaparecendo
<input type="checkbox"/> 1 Adormecida
<input type="checkbox"/> 0 Extinta

GRAU DE VITALIDADE	CORRELAÇÃO ENTRE OS CRITÉRIOS		
	TRANSMISSÃO DA LÍNGUA	DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA	ADICIONAIS
6-Forte	ESTÁVEL	EM EXPANSÃO	a) Tamanho populacional para falantes nativos e potenciais b) Graus de atitude c) Situação escolar d) Qualidade e Quantidade de Documentação sobre a língua e) Falantes de Referência <i>outros...</i>
5-Vulnerável	ESTÁVEL	ESTÁVEL	
4-Ameaçada	EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO	EM RETRAÇÃO	
3-Severamente Ameaçada	EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO	EM RETRAÇÃO	
	INTERROMPIDA	RESTRITO	
2-Desaparecendo	INTERROMPIDA	RESTRITO	
1-Adormecida	INTERROMPIDA	INTERROMPIDO	Há falantes potenciais em um bom número
0-Extinta	INTERROMPIDA	INTERROMPIDO	Não há falantes potenciais

2.2 Fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua

Descreva em um breve texto analítico os principais fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua.

Entendemos que a transmissão da língua Kawahiba dos Karipuna se encontra interrompida no momento. Nenhuma criança a aprendeu, e os jovens de até 23 anos já não a praticam constantemente devido a seu maior contato com os não indígenas.

A cultura verbal, em geral, como cantos, danças etc. já não tem sua manutenção realizada. A situação é de interrupção também quanto a essa parte da cultura, a qual poucos ainda conhecem, mas que já não transmitem para os filhos.

Como identificamos no presente relatório, há somente 10 falantes de Kawahiba dos Karipuna. Metade desses falantes mora na cidade, e a outra metade na aldeia. A metade que mora na aldeia tem a maioria dos falantes mais velhos e que se comunicam na língua. Os demais moram na cidade e são casados com não indígenas, o que dificulta a transmissão da língua para os mais jovens da aldeia, ou mesmo para os filhos que nascem da união com os não indígenas.

Além disso, também é de se notar a predominância do Português na escola. Não há algum material didático na língua, diferentemente do Português, que têm montantes de livros didáticos à disposição e que sempre chegam à escola a cada ano. Ademais, não há sequer uma disciplina escolar que trate da cultura dos Karipuna.

Por fim, acreditamos que as uniões conjugais com não indígenas têm sido fator preponderante na obsolescência da língua dos Karipuna. Os filhos gerados dessas uniões não aprendem a língua dos pais ou mães Karipuna, mas tão somente o Português.

